

FRANCE DE AQUINO RIBEIRO

**MAPEANDO OS SENTIDOS: A HISTÓRIA DO RIO VERMELHO CONTADA
PELOS RIBEIRINHOS DE CRIXÁS - GO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientadora: Dr.^a Giovana Galvão Tavares

Anápolis – GO

2018

R484

Ribeiro, France de Aquino.

Mapeando os sentidos: a história do Rio Vermelho contada pelos ribeirinhos de Crixás – GO / France de Aquino Ribeiro – Anápolis: Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, 2018. 76 p.; il.

Orientador: Profa. Dra. Geovana Galvão Tavares.

Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente – Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, 2018.

1. Rio Vermelho 2. Ribeirinhos 3. Percepção 4. Lugar 5. Mapas mentais
I. Tavares, Geovana Galvão II. Título.

CDU 504

UniEVANGÉLICA – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – PROGRAMA
DE MESTRADO MULTIDISCIPLINAR EM SOCIEDADE, MEIO AMBIENTE E
TECNOLOGIA

MAPEANDO OS SENTIDOS: A HISTÓRIA DO RIO VERMELHO CONTADA
PELOS RIBEIRINHOS DE CRIXÁS - GO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Avaliada em 24 de novembro de 2018, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Dr^a. Giovana Galvão Tavares
(Presidente)

Dr^a. Cristiane Gomes Barreto
(Avaliadora externa)

Dr^o. André Vasques Vital
(Avaliador Interno)

Dr^a. Vivian da Silva Braz
(Suplente)

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha orientadora professora Dr^a Giovana Tavares, pela paciência, pela dedicação nos momentos de dificuldade, pelo carinho que demonstra como pessoa e orientadora. Ela é um modelo a ser seguido, ficará sempre em meu coração como uma pessoa maravilhosa, obrigada professora.

A minha mãe que sempre esteve do meu lado durante toda a minha vida, me encorajando, me ajudando, sendo sempre meu porto seguro, obrigada mãe, eu te amo... muito.

Aos meus sogros dona Antônio e seu Eurípedes pelo empenho em me ajudar na realização da pesquisa de campo deste trabalho, vocês são um presente de Deus na minha vida, muito obrigada.

Aos meus filhos pela paciência e por suportar a ausência da mãe em tantas situações, e mesmo assim me amar, eu agradeço a Deus pela vida de vocês, obrigada também ao meu esposo por perseverar na caminhada comigo.

Dedico também a todos que de uma forma ou de outra me auxiliaram na realização deste sonho. Obrigada.

Agradecimento

“Tua é, ó Senhor, a grandeza, e o poder, e a glória, e a vitória, e a majestade, porque teu é tudo quanto há no céu e na terra; teu é, ó Senhor, o reino, e tu te exaltaste como chefe sobre todos.”

I Crônicas 29:11

Agradeço a Deus, por estar sempre comigo, me amando, me ajudando, sendo suporte sempre, iluminando os meus pensamentos e me capacitando, está vitória pertence a Deus.

Resumo

MAPEANDO OS SENTIDOS: A HISTÓRIA DO RIO VERMELHO CONTADA PELOS RIBEIRINHOS DE CRIXÁS - GO

A história da cidade de Crixás-GO desde seu nascimento caminha em paralelo com a atividade da mineração, a partir das expedições dos bandeirantes até os dias atuais a cidade apresenta como uma das bases econômicas principais, a extração de ouro, neste panorama se encontra o Rio Vermelho, este curso d'água corta a cidade de um lado ao outro e sempre fez parte da história do povo crixense. Por anos este povo utilizou de suas águas de diferentes formas: beber, lavar roupa, pescar, banhar, o rio era um ponto de encontro e socialização para a população desta cidade. Em 1990 ocorre o despejo de resíduos da mineradora neste rio, impossibilitando sua utilização a partir desse episódio, assim estas águas que antes eram utilizadas, ficam proibidas para os ribeirinhos desta cidade. O objetivo deste trabalho é analisar a percepção ambiental da comunidade ribeirinha da cidade de Crixás, no Estado de Goiás, relacionada ao uso do Rio Vermelho, procurando através disto despertar o desejo do povo crixense de recuperar seu rio. Para tal, a metodologia utilizada foi a confecção de mapas mentais pelos ribeirinhos, parametrizado através dos cinco sentidos humanos (visão, paladar, audição, olfato e tato), apresentando como conceitos para guiar a pesquisa, o estudo da fenomenologia, pautada na percepção ambiental e no estudo do lugar. Na confecção dos mapas é possível perceber que para os ribeirinhos as águas do Rio Vermelho vêm carregando também sentimentos... afetos... emoções... e saudades de um tempo passado, o rio construiu com estes, vínculos de lar, lugar onde o povo foi capaz de construir uma identidade, todos os pesquisados se ressentem da perda da utilização deste rio.

Palavras-chave: Rio Vermelho; ribeirinhos; percepção; lugar; mapas mentais.

Abstract

MAPPING THE SENSES: THE HISTORY OF RIO VERMELHO COUNTED BY THE RIBEIRINHOS DE CRIXÁS – GO

The history of the city of Crixás-GO since its birth walks in parallel with the activity of mining, from the expeditions of the Bandeirantes to the present day the city presents as one of the main economic bases, the extraction of gold, in this panorama if Meets the Red River, this watercourse cuts the city from one side to the other and has always been part of the history of the Crixense people. For years this people used their waters in different ways: drinking, washing, fishing, bathing, the river was a meeting point and socialization for the population of this city. In 1990 there is the dumping of desires of the mining company in this river, making it impossible to use it since the episode, so these waters that were used before, are forbidden to the riverside of this city. The objective of this work is to analyze the environmental perception of the riverside community of the city of Crixás, in the state of Goiás, related to the use of the Red River, seeking to awaken the desire of the Crixense people to recover their river. To this end, the methodology used was the production of mental maps by the riverside, parameterized through the five human senses (vision, taste, hearing, smell and touch), presenting as concepts to guide the research, the study of phenomenology, Based on environmental perception and the study of the place. In the making of the maps it is possible to realize that for the riverside the waters of the Red River have also carrying feelings... affections... emotions... and longing for a time past, the river built with these, bonds of home, place where the people were able to build An identity, all respondents resent the loss of the use of this river.

Keywords: Red River; riverside; perception; place; mental maps.

Sumário

Apresentação	9
1 - Percorrendo a trilha da Fenomenologia, através de caminhos, construindo o lugar	13
1.1 - O lugar, a Casa.....	16
1.2 - Percepção Ambiental	19
1.3 - Os Mapas Mentais.....	21
2 - Desvendando Crixás pelo olhar de seus poetas	25
3 - O Rio e a percepção dos ribeirinhos, um olhar através dos mapas mentais	44
3.1 - O Rio Vermelho através dos mapas mentais	49
3.1.1 – Visão	51
3.1.2 - Paladar	57
3.1.3 - Tato	61
3.1.4 - Olfato.....	64
3.1.5 - Audição	65
Considerações Finais	67
Referências.....	71

Apresentação

O objetivo deste trabalho é analisar a percepção ambiental da comunidade ribeirinha da cidade de Crixás, no Estado de Goiás, relacionada ao uso do Rio Vermelho entre os anos de 1990 e 2017, a fim de reconstituir as vivências compartilhadas com este curso d'água, que, em decorrência de um acidente, relacionando a Mineradora Serra Grande e o Rio Vermelho, gerou o seu desuso. Busca-se aqui reconhecer as relações homem/natureza e sociedade/natureza dos ribeirinhos residentes às margens do Rio Vermelho, além de identificar as formas de usos atuais e anteriores do Rio Vermelho pelos ribeirinhos, mapeando suas principais transformações no decorrer dos anos de 1990 a 2017.

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Crixás, situada na região norte do Estado de Goiás, a qual é cortada pelo Rio Vermelho, que apresenta cerca de 70 quilômetros de extensão, suas duas nascentes estão em terras crixaenses, mais precisamente, em propriedades rurais entre os municípios de Crixás e Nova América. A foz do Rio Vermelho é o Rio Crixás Açu, que, por conseguinte, deságua no Rio Araguaia. Este estudo está focado no Rio Vermelho e em sua população urbana ribeirinha.

A escolha do meu objeto de pesquisa está relacionada à história da minha vida, pois, quando criança e adolescente, nas férias de julho e de dezembro, minha família procurava sempre viajar para a fazenda de uma tia, no interior do Estado de Goiás. Lá, juntamente com outros familiares, acampávamos por alguns dias, selecionando os melhores lugares nos leitos dos rios das redondezas. Era uma festa: cozinhar ao ar livre, pescar, dormir na rede, em barracas, sempre tomando muito banho de rio, com irmãos e primos. Meu passado ficou marcado por essa época tão saudosa e feliz.

Ao me casar, fui visitar a família de meu esposo na cidade de Crixás. Chegando lá, visualizei as águas do Rio Vermelho, tão límpidas e bonitas (é necessário esclarecer que a cidade apresenta uma temperatura térmica muito alta, com muito calor). Assim, chamei meu marido para irmos ao rio, tomar banho. Fiquei surpresa ao saber da rachadura na barragem da Mineradora Serra Grande, que ocasionou o despejo de dejetos no Rio Vermelho, impossibilitando o seu uso pela

população crixaense. Em conversas informais com os familiares de meu esposo, percebi como eles, crixaenses, apresentavam boas recordações deste rio, por isso sentem falta no cotidiano.

Nasceu, conseqüentemente, em mim uma necessidade de investigar como esta comunidade se relacionava, e ainda se relaciona, com esse recurso hídrico, pois um rio, para os que convivem com suas águas abundantes, torna-se, com o transcorrer do tempo, parte de suas memórias, ficando associado diretamente ao crescimento temporal de cada indivíduo por ele tocado. Desse modo, o papel emocional dos rios é tão extraordinário que, mesmo poluídos ou degradados, grandes ou pequenos, são utilizados para fins cerimoniais, circulação, comércio, ou mesmo recreação e lazer, porque a água, além de ser fonte de vida, aconchego e encanto, é também símbolo de poder e vida nova, adquirindo, portanto, o contexto de “Meu lugar, meu lar”.

Segundo Carlos (1996, p. 14),

[...] o lugar guarda em si, não fora dele, o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento.

Baseada no que está descrito acima, a comunidade ribeirinha sofreu a perda de seu rio, pois a assimilação simbólica do espaço em que se vive é capaz de acumular sentimentos, transformando o mesmo em lugar, adquirindo particularidades através das experiências vividas. Corroborando tal afirmação, Tuan (1983, p.6) pondera que:

[...] o espaço é mais abstrato que o lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor [...]. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa: cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar.

Mesmo sendo uma das cidades mais antigas do Estado de Goiás, por volta de 1990, a comunidade daquela região perdeu o uso das águas do Rio Vermelho, perdendo também parte do seu lugar, neste ambiente. Esta pesquisa centrou-se no estudo da percepção dos ribeirinhos crixaenses sobre o Rio Vermelho entre os anos de 1990 e 2017, os quais puderam, por meio de seus

sentidos, vivenciar o curso de água (nadar, pescar, passear com a família e amigos).

A fim de se entender como ocorreu a contaminação do Rio Vermelho, é necessário esclarecer que, em 1989, instalou-se em Crixás a Mineração Serra Grande S/A, que fomentou o desenvolvimento econômico para a cidade, causando também a extinção de garimpos ilegais na região, muitos deles instalados no Rio Vermelho. Contudo, em 1994, um inquérito público civil foi instaurado, com o qual o Ministério Público entrou em ação contra a mineradora, pautado na agressão ambiental sofrida pelo rio: “Consta que, no mês de março do ano de 1.994, o Ministério Público Estadual instaurou o Inquérito Civil Público n.º 02/1.994 para apurar, em síntese, as profundas agressões ao meio ambiente causadas pela descarga de efluentes da barragem da Mineração Serra Grande no leito do Rio Vermelho, município de Crixás”. (ICP fls. 01/02).

O fato comprobatório deste acidente consta no relato do Inquérito Civil Público n.º 02/1.994, acusando os autos, de forma inequívoca, a grave poluição ambiental provocada pela descarga de efluentes e rejeitos sólidos da barragem da Mineração Serra Grande, que, por sinal, apresentava elevados teores das substâncias arsênio e cianeto no Rio Vermelho.

A dissertação foi norteada pelos conceitos de fenomenologia, lugar, percepção ambiental, mapas mentais, pautada na importância do despertar da percepção ambiental dos ribeirinhos, a fim de preservar a memória desta comunidade, relacioná-la à preservação ambiental do meio em que estes estão inseridos e reforçar a importância do resgate do Rio Vermelho, para a perpetuação e reconstrução da história perdida dos excluídos, ao perceber este fluxo de água como um patrimônio ambiental desta cidade.

O estudo foi construído tendo como primeiro passo o levantamento bibliográfico acerca da temática: lugar, percepção ambiental, todos pautados nos estudos fenomenológicos. O segundo passo foi o estudo do local, por meio de publicações sobre a cidade de Crixás, e o levantamento documental em *sites*, junto ao Ministério Público (MP), sobre a mineração na área estudada. Os dados bibliográficos foram conseguidos junto aos moradores da cidade e trabalhos acadêmicos publicados.

O terceiro passo foi a aplicação do instrumento de articulação técnica da produção de mapas mentais pelos sujeitos da pesquisa – os ribeirinhos, isto é, a população urbana limítrofe ao Rio Vermelho do município de Crixás, composta por aproximadamente 300 pessoas, entre adultos e crianças. A seleção para a confecção destes mapas incluiu indivíduos que contam com idade a partir de quarenta anos (40), ou seja, aquelas pessoas que nasceram até 1977 e ainda residem na cidade, visando com isto abranger o olhar de indivíduos que, com 13 anos ou mais, apresentam uma vivência e conseguiram perceber o rio sadio, fundamentando que o acidente aconteceu em 1990.

Os mapas mentais mistos (escrita e desenho) foram aqui utilizados por serem um instrumento capaz de captar todos os sentidos humanos e a percepção, aliada às memórias, constituindo para o homem, mais especificamente estes ribeirinhos, importantes fatos vividos que apresentam lugar e panorama como referência, ativando nestas pessoas o retorno ao passado e trazendo consigo sentimentos e sensações antes esquecidas.

As histórias aqui relatadas estão intrinsecamente ligadas ao meio, sedimentadas na saudade, na confecção dos mapas mentais, ocorre a reconstrução de momentos perdidos na memória destas pessoas, reconhecendo através destes relatos sua história. Nessa perspectiva, o reviver das vivências destes ribeirinhos junto ao Rio Vermelho, torna-se por conseguinte, o identificar das barreiras existentes para a concretização de um convívio pacífico, sem prejuízo para o homem ou para a natureza.

1 - Percorrendo a trilha da Fenomenologia, através de caminhos, construindo o lugar

Formulada por Edmund Gustav Albrecht Husserl, a fenomenologia surgiu como um método filosófico do século XX. Em sua etimologia, significa “estudo dos fenômenos, do que aparece à consciência, daquilo que é dado”. (LYOTARD *apud* LIMA, 2014, p. 11).

Trata-se de um método que estuda e analisa as essências, não se baseando apenas em fatos, mas procurando interagir de forma direta com o sentido das coisas. Logo, direciona seu olhar investigativo para o essencial, “a vivência”, inserida como ponto de partida para o entendimento da profundidade do ser humano, ao apresentar uma distinção entre sujeito e objeto, o qual se torna representável por meio do sujeito que lhe fornece sentido, através de todas as suas experiências.

Maurice Merleau-Ponty foi um filósofo francês que se baseou em Edmund Husserl, ao caracterizar seu estudo sobre a fenomenologia de forma própria, perfazendo seu próprio caminho, sem deixar, contudo, as ideias originais de Husserl.

Segundo Merleau-Ponty (1999, p.1):

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma “ciência exata”, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo “vivididos”. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer [...].

Para esse filósofo, não se pode determinar normas ou regras para que a consciência humana seja capaz de compreender o mundo em que vive. Segundo ele, a percepção é o melhor meio para entender o imenso arcabouço que direciona o indivíduo a compreender todo o emaranhado que os sentimentos e as

experiências vividas são capazes de agregar ao homem, pois este é um ser no mundo e sua essência está no fato de existir.

Assim, para que se reconheça a percepção humana, é necessário que o homem seja estudado em sua essência, como um ser complexo. Dessa maneira, a fenomenologia parte não apenas de um fato, mas abarca-o como um todo, investigando o contato e a relação do indivíduo com o mundo, não deixando de lado a relação do espaço e do tempo na constituição das experiências vividas.

A fenomenologia não se apega somente à ótica científica sobre o ser, visto que procura explorar todos os sentidos utilizados pelo indivíduo. Na abordagem fenomenológica, tudo está interligado, até mesmo as ambiguidades, que se conectam à percepção, de modo diretivo à maneira como o sujeito se porta no mundo.

Não desprezando a fonte de Husserl, todavia, desenvolvendo seu próprio pensamento crítico, Merleau-Ponty (1999) percebe a fenomenologia sob um foco investigativo, aprofundando as ideias centrais, destacando o sujeito num mundo de reflexão que o antecede. O ponto principal é que o pensamento não se constitui de forma pura e por si só, estando ele interligado a alguma coisa; com isso, consegue apreender a interligação entre a vivência e a construção do pensamento. Ainda segundo Merleau (1999, p.18), “[...] estamos no mundo, estamos condenados ao sentido e não podemos nada fazer, nem nada dizer que não assuma um nome na história.” Nota-se que, para ele, a percepção apresenta-se como base para a formação do pensamento, como berço das definições, essência de todos os sentidos. O foco investigativo de Merleau-Ponty centra-se no fenômeno da percepção e no conhecimento do próprio corpo interagindo com o meio, tornando-se o sujeito destes fenômenos.

É preciso compreender que os fenômenos, na fenomenologia, são aqui percebidos como qualquer coisa, que esteja atrelada à formação do pensamento, seja esta “coisa” interna ou externa ao ser humano. Para Peirce (*apud* SANTAELLA, 2007, p. 21), a fenomenologia é “[...] a descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano”. Logo, este fenômeno pode ser descrito como todo pensamento desenvolvido, independentemente de sua veracidade.

Sob um prisma de tamanha liberdade, a fenomenologia torna-se apta a analisar as informações ou propriedades, que competem a todos os fenômenos que se comunicam com todas as experiências vividas, sendo capaz de levantar várias interpretações sobre um determinado fato ou “coisa”. Segundo Pierce, a fenomenologia é capaz de isolar as diferenças e pautar suas observações de tal forma a apreender a classe de simbologias ou símbolos que podem fazer parte de todos os fenômenos, criando, por conseguinte, uma linguagem uniforme:

“A fenomenologia ou doutrina das categorias tem por função desenredar a emaranhada meada daquilo que, em qualquer sentido, aparece, ou seja, fazer a análise de todas as experiências é a primeira tarefa a que a filosofia tem de se submeter. Ela é a mais difícil de suas tarefas, exigindo poderes de pensamento muito peculiares, a habilidade de agarrar nuvens, vastas e intangíveis, organizá-las em disposição ordenada, recolocá-las em processo” (PIERCE *apud* SANTAELLA, 2007, p. 21).

O ser humano aqui trabalhado não pode ser estudado de forma isolada. Portanto, é imperativo que se avalie os contextos externo e interno que compõem suas experiências, seu ambiente, sua formação cultural, entre outros, para que esta análise seja desenvolvida de forma plausível. Nessa perspectiva, é imprescindível entender que as pessoas não se comunicam apenas por meio da fala, pois também são capazes de se expressar de diversas maneiras, apresentando uma alta gama de linguagens, carregadas de representações, que são conjunturas ilustrativas e representativas da realidade vivida.

Se para Merleau-Ponty (1999) as experiências vivenciadas constituem a percepção, para Tuan (1983, p.09), “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização”. Assim, discorrer sobre a experiência dos homens com o mundo é também focar na percepção que se têm do espaço que os cerca, não deixando de lado o olhar objetivo, mas procurando abarcar o ser humano como um todo, tendo por base a fenomenologia, que visualiza o organismo vivo não como um objeto que pode ser analisado à parte, mas como um ser no conjunto de sua totalidade, em que as partes se agregam ao todo, adquirindo conceito e associando valor ao conjunto de complexidade que abarca a existência, ao atribuir sentido ao ser.

O subjetivismo aqui focado na vivência alia-se ao objetivismo na fenomenologia, ao buscar uma noção de mundo racional. Merleau-Ponty (1999) destaca ainda que, no mundo fenomenológico, o ser apresenta-se como um emaranhado de sentidos, forjados por suas próprias experiências e suas correlações com o mundo exterior, tornando o ser inseparável em sua subjetividade. Sob essa ótica, as relações estabelecidas estão vinculadas à dinâmica entre as pessoas, ou até mesmo grupos, com o espaço por elas habitado, criando valores, despertando aspirações e moldando comportamentos que são percebidos como uma forma de entender a dinâmica social. O uso do meio ambiente e a própria apropriação do espaço nesses processos refletem diretamente os apegos e anseios das pessoas, envolvendo contradições, mudando a compreensão dos habitantes em relação à sua própria visão de lugar, instigando a percepção e o sentimento do indivíduo pertinente à sua compreensão espacial. Para Tuan (1983, p.3), a diferença entre espaço e lugar é a seguinte: “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar”.

1.1 - O lugar, a Casa

Em seus estudos, Merleau-Ponty (1999) deixa claro que não é possível conceber o espaço sem o sujeito. Isso porque a experiência espacial está intrinsecamente relacionada ao seu referencial cultural individual vivenciado, pois os indivíduos apresentam a tendência de procurar entender seu próprio espaço. Dessa forma, a existência humana está ligada ao espaço por meio de um tirocínio perceptível, não delimitado por campos rígidos e distintos, apresentando a capacidade de se modificar, conforme se modificam as experiências do indivíduo.

Com base no conceito da topofilia, Tuan (1980) analisa o entendimento do espaço através das relações desenvolvidas pelos que vivem em determinado local. Topofilia, para Tuan (1980, p.107), representa “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. Nesse sentido, o indivíduo pode expressar-se de formas desiguais, com diferentes intensidades, sendo capaz de se proclamar esteticamente, apreciando ou não o espaço ambiental de maneira fugaz. Entretanto, as emoções direcionadas ao lugar, por possuir a representação

perceptiva de lar, tornam-se permanentes, marcando o ser humano simbolicamente. Sobre esse aspecto, Tuan (1980, p.107) argumenta que “o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”.

Ainda de acordo com Tuan (1983), o espaço habitado e o lugar são unívocos, sendo que os dois demonstram características familiares, apresentando-se com elementos intrínsecos da existência humana que naquele local reside. Afinal, para o lugar deixar de ser espaço, deve este sofrer um processo de assimilação e significado, pois os lugares são eixos permeados de simbologias, com significados próprios de determinada comunidade. Além disso, as essências efetivas vivenciadas no lugar se constroem nas formações de experiências que o indivíduo acumula; assim, este lugar torna-se significativo, adquirindo singularidade e identidade.

A maneira como determinada comunidade interage com os lugares pode variar, evocando laços afetivos ou de repúdio, de pertencimento ou exclusão ao lugar. A fim de avaliar como estes indivíduos interatuam com o lugar, faz-se necessário conhecer as atividades que desenvolvem, ou seja, como ocorre a relação estética, afetiva, procurando abarcar a interação social e emocional como um todo. Sobre a relação com o lugar, Tuan (1983, p.153) defende:

Os seres humanos são os únicos entre os primatas que têm o sentido de lar como um lugar onde o doente e o ferido podem se recuperar com cuidados solícitos. [...].

Lugar é uma pausa no movimento. Os animais, incluindo os seres humanos, descansam em uma localidade porque ela atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecimento de valor.

No intuito de pautar seu conhecimento, as pessoas vão se utilizando de experiências, sensações, percepções, a fim de conceber pensamentos, fundamentando assim suas impressões sobre o lugar.

O lugar é dado a partir da experiência de cada um, o lugar se apresenta como vivenciado pelos seus habitantes, o lugar, portanto, é constituído a partir da experiência que temos dele. Nesta experiência, está expressa uma relação, sobretudo afetiva, emocional, simbólica e mítica com o lugar (NOGUEIRA, 2001, p. 43).

Tuan (1980, p. 114) afirma que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”. A frase de Tuan remete à leitura do lugar pelo caminho da consciência e do sentimento. Essa abordagem da categoria

subjetiva do espaço é validada tendo a fenomenologia como norteadora de seu entendimento. Alinha-se a este método de estudo baseando-se na percepção, na experiência de vida do sujeito e, conseqüentemente, no processo subjetivo de observação deste indivíduo, em que a fenomenologia se encontra inserida.

O termo experiência aqui utilizado remonta à capacidade do ser humano de viver e instruir-se pela sua própria vivência, criando a partir disso; não deixando, contudo, de atuar de forma ativa na construção de significantes. Outrossim, um lugar pode deixar de existir, no entanto, não perde o significado para a pessoa que ali vive ou viveu. De acordo com essa concepção, os laços afetivos são formados, entre pessoas e lugares onde habitam, com o decorrer do tempo, de modo que os moradores investem tanto emocionalmente em seus lugares tornando-se capazes de resistir a adversidades em prol destes espaços.

Para se conhecer a percepção dos ribeirinhos do Rio Vermelho em Crixás, fez-se necessária uma pesquisa no lugar, pois o espaço é percebido como um arcabouço impregnado de vivências dos sujeitos, especificamente neste caso, o lugar vem carregado de histórias e simbologias, a percepção e a memória se relaciona neste contexto como mecanismos de resgate do passado, portadora de definições e de simbolismo, baseia-se como um alicerce capaz de estruturar pilares, no intuito de reconstruir a história não conhecida deste lugar.

A fim de se pesquisar o lugar, se faz necessário uma pesquisa de campo, Martins (2007) afirma que o trabalho de campo é indispensável para a pesquisa, porque a ligação entre os homens e a natureza é formada tendo por base a própria paisagem: “nas águas e nas barragens dos rios, nas cicatrizes que cortam a superfície da terra, nas trilhas e clareiras que interrompem o verde da floresta” (MARTINS 2007, p.23). O rio, em seu fluir do tempo, através de sua sinuosidade, de seus acidentes, vai construindo uma história, concentra a memória fluida da população ribeirinha. Com isso, resgatar a história desse curso de água é também resgatar a vida de sua gente.

O estudo do lugar, neste caso, baseia-se na visão de que o ser humano está no espaço (ambiente) e constrói o seu lugar (casa), porque o espaço é material, enquanto o lugar é humano, atingindo este, proporções reais e imaginárias, tornando-se simbólico e envolvendo todos os fenômenos percebidos para aqueles que dele se apropriam, nessa circunstância específica, os ribeirinhos.

A partir da realidade observada de forma homogênea, produz-se uma estrutura heterogênea que seja capaz de enfatizar as igualdades e apreender as diferenças, pois os habitantes de determinado local tendem a desenvolver hábitos e usos comuns entre eles, apresentando com isto manifestações concretas que caracterizam o lugar de vivência. Com base na observação desse sincronismo apresentado pelos moradores, é possível se construir e projetar a imagem do ambiente.

Neste trabalho, propõe-se o estudo do “lugar vivido”, vivenciado, caracterizado pela percepção, imagética ou não, de seus moradores. Parte-se do lugar, como objeto de pesquisa o “Rio Vermelho e seus ribeirinhos crixaenses”, enquanto transformado ou em transformação pela ação de determinados fatores humanos que nele intervêm. Ao buscar a interdisciplinaridade de diálogos, baseados nos mapas mentais “mistos” que serão produzidos pelos ribeirinhos, propõe-se, aqui, focar nas diferentes formas de mapas mentais expressos, procurando intensificar o diálogo entre os mesmos, através de uma interação conceitual e metodológica dos diferentes campos dos saberes aqui já pautados.

Nas palavras de Japiassu (1976, p. 75):

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir *incorporar* os resultados de várias especialidades, que *tomar de empréstimo* a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los *integrarem* e *convergirem*, depois de terem sido *comparados* e *julgados*. Donde poderemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para ligar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos.

A qualidade de “misto”, nestes mapas, fomenta a interdisciplinaridade, ao procurar, em campos científicos diversos, uma interpretação para a percepção formada destes ribeirinhos e do lugar em que vivem.

1.2 - Percepção Ambiental

O homem institui vínculos afetivos com os espaços onde habita (lugar). Kozel afirma que “o espaço não é somente percebido, sentido ou representado,

mas também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências” (2007, p. 117). Os sentimentos e sensações descritos por Kozel (2007) estão carregados de percepções que, no decorrer do tempo, são construídas pelos indivíduos.

Mas o que seriam estas percepções? Na visão de Merleau-Ponty (1999, p. 6), a percepção apresenta-se como uma conjuntura de vivências humanas, todos os acontecimentos interagem, seja de forma objetiva ou subjetiva, apresentando-se interligado ao homem, se ampliando com o passar do tempo.

O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece.

As pessoas são capazes de apropriar-se do espaço e criar uma realidade, utilizando-se de sua cultura, seus conhecimentos, sua linguagem, seus padrões sociais, não esquecendo a utilização dos cinco sentidos e da mente, tornando-se agentes transformadores do espaço em lugar. Os sentidos trabalhados por Tuan são os cinco sentidos humanos (tato, olfato, paladar, visão e audição), que, aliados à fenomenologia, agregam a percepção como um sexto sentido.

A percepção se desenvolve como resposta desses sentidos aos estímulos externos e fornece à pessoa conhecimentos imediatos a respeito do que a cerca (TUAN, 1980). Contudo, faz-se necessário entender o que é percepção. Num sentido mais primário, pode ser vista como uma sensação, a forma como algo afeta o ser humano, desencadeando uma experiência em sua vivência. Merleau-Ponty (1999, p. 65) apregoa a percepção como “ato que cria de um só golpe, com a constelação dos dados, o sentido que os une – que não apenas descobre o sentido que eles têm, mas ainda faz com que tenham um sentido”.

A apreensão sensível, imediata do espaço, refere-se ao sentido, mas, para que este se torne um significado ou conceito, transformando-se assim em lugar, é preciso haver a reincidência de uma série de experiências regulares e retroativas, segundo LIMA (2007, p 73). Conforme Merleau-Ponty (1999), o algo percebido não é um simples amontoado de sensações e memórias. Quando se assume o fenômeno, descobre-se um todo que se projeta com um significado próprio e assim constitui o fundamento da experiência.

A percepção do espaço vai se construindo no ser humano, organizando seu entendimento sobre o ambiente em derredor. Assim, a pessoa constrói estruturas sociais, emocionais, físicas, em que a percepção do espaço se forma, sendo capaz de criar elos com outros seres humanos, compartilhando um senso comum. Contudo, é preciso ter atenção para o fato de que o espaço é percebido de forma diferente, por culturas e condições sociais divergentes. Tuan (1980, p. 284) esclarece essa compreensão quando argumenta: “a cultura e o meio ambiente determinam em grande parte quais os sentidos são privilegiados”. Segundo ele, afora os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato), algumas pessoas apresentam maior sensibilidade ao ambiente externo, apresentando nisto um sentido além dos apresentados.

Com a utilização dos sentidos no apreender das percepções, o ser humano constrói o mapa mental do espaço e, conseqüentemente, de seu lugar, colocando-o assim em contato com a realidade de seu mundo externo. Portanto, o aspecto subjetivo que compõe torna-se indispensável na discussão dessas percepções.

1.3 - Os Mapas Mentais

O homem apreende o mundo concomitantemente por todos os seus sentidos, suscitando o máximo possível de conhecimentos. O nascimento marca a linha de partida, momento em que a criança começa a se inteirar de sua noção espacial, a qual se fundamenta através de suas experiências corporais. Logo, torna-se cada vez mais consciente de seu próprio corpo, do espaço imediato e o seu domínio da lateralização, construído por meio de suas funções motoras e se fazendo conhecedora de seus sentidos. Gradualmente, o espaço vai se percebendo mais complexo, pois a própria consciência de seu corpo projeta-se no meio que o cerca, desenvolvendo na pessoa sua capacidade reflexiva sobre a compreensão do ambiente e como ele se organizará.

Ao utilizar seus sentidos, o homem procura conhecer seu espaço vivido, contexto em que se encontra o meio ambiente, caracterizado por Tuan (1980, p. 17) desta maneira: “a natureza consiste parcialmente de objetos discretos como frutas, árvores, arbustos, animais, seres humanos, rochas, picos montanhosos e

estrelas; parcialmente, também consiste de fundos envolventes e contínuos como ar, luz, temperatura, espaço”.

O sentido mais desenvolvido pelo homem no decorrer dos tempos é o visual. Portanto, trabalha-se a visão mais do que os outros sistemas sensoriais: paladar, tato, olfato e audição. Há uma sobrecarga de imagens e, conseqüentemente, a sociedade apropriou-se delas para representações diversas. Contudo, é preciso deixar claro que restringir a percepção ambiental do homem somente apoiado na representação visual concebe-se como um desperdício para o potencial humano.

A imagem é carregada de símbolos e, como representação do espaço, é usada desde as eras pré-históricas, quando o homem procurava demonstrar, pelos seus desenhos na pedra, seu cotidiano, sua história e seu lugar no mundo. Galvão e Kozel (2008, p. 35) deixam claro ao afirmar que:

Essas representações sempre foram impregnadas de valores provenientes da sua própria cultura e representavam caminhos, rotas, riquezas, mitos, lendas, medos, etc. Portanto, as representações se constituíam enquanto forma de linguagem das diferentes civilizações, unindo aspectos objetivos aos subjetivos, práticas a valores, mitos aos fatos comprovados, constituindo-se no verdadeiro “ver” das sociedades”.

As representações desses ambientes ainda conservam-se simbólicas, carregadas de percepções e, nesta pesquisa, tal fato será demonstrado, com base na metodologia dos mapas mentais. Mas o que são mapas mentais? Como auxiliarão no levantamento da memória afetiva dos ribeirinhos do Rio Vermelho em Crixás?

Segundo Leonardi (2005), as relações que o indivíduo estabelece com os rios são complexas. O rio, para o homem, é carregado de imagens, simbologia, suscita relatos de suas representações sociais, segue, do mesmo modo que suas águas, uma trajetória própria, e é capaz de produzir memórias e percepções culturais imaginárias e saudosistas, incorporando uma multidisciplinaridade em sua pluralidade de abordagens sensitivas, pois cada pessoa cria seu próprio fluxo de recordações compartilhadas com seu momento naquelas águas.

Os mapas mentais são um tipo de linguagem concebida pela própria pessoa ou até mesmo por um grupo, como os ribeirinhos que aqui serão estudados, a fim de demonstrar seus sentimentos topofílicos e como estes se refletem no espaço vivido, mais especificamente em seu lugar. Podem ser elaborados por

símbolos e até mesmo palavras escritas que transmitem a percepção pessoal, ou do grupo, com relação ao que está sendo representado.

Os mapas mentais são para Wheeldon & Faubert (*apud* CAMARA, 2012, p. 81).

[...] ferramenta para coleta de dados em pesquisa qualitativa. As justificativas são que os mapas oferecem uma visão gráfica, focada nos participantes, aos pesquisadores que tendem a ser mais visualmente orientados e, além disso, os mapas auxiliam no “casamento” dos dados com a teoria. Os autores então desenvolveram uma pesquisa norteada por esta aplicação, coleta de dados, e se mostraram satisfeitos com a aplicação de mapas mentais na pesquisa.

Para Tuan (1980), o comportamento simbólico está intrínseco ao homem. Os símbolos incorporados internamente são expressos externamente de diversas formas. Neste trabalho, a fim de resgatar a memória afetiva dos ribeirinhos com relação ao Rio Vermelho, serão produzidos mapas mentais deste rio que antes era usufruído por toda a população da cidade e até pelos visitantes e que, agora, não mais, devido à contaminação da descarga de efluentes da barragem da Mineração Serra Grande no leito do Rio Vermelho, no município de Crixás.

A escolha dos mapas mentais será aqui utilizada por se caracterizar: “uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa” TUAN (1980, p.15). Com isso, a fenomenologia é capaz de estabelecer uma vinculação entre os mapas mentais e os avaliar dos fatos sob a ótica da percepção; a primeira é fruto da imagem percebida, e a segunda é o apontamento perceptual dos sujeitos; complementando-se mutuamente e agregando valor para esta análise.

Os mapas mentais foram utilizados na perspectiva de apreender, por meio de uma linguagem diferenciada, imagética e simbólica, a percepção tanto ambiental quanto do lugar, pois um está atrelado ao outro neste caso. Logo, planeja-se conseguir essa apreensão através do resgate da memória afetiva desta comunidade, sendo necessário não esquecer que o Rio Vermelho margeia suas casas, constituindo-se, assim, seu lugar. A percepção será aqui construída através da junção de todos os sentidos humanos. Para Tuan (1980, p. 4), “percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital,

na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”.

As vivências dos lugares ficam guardadas na memória daqueles que ali vivem e formam memórias afetivas, povoadas de símbolos e ícones, capazes de reativar lembranças e possibilitar a construção dos mapas mentais. Desse modo, o significado do lugar se assegura com base nas experiências individuais e coletivas com os que compartilham os mesmos signos e símbolos, alicerçado a partir das relações do eu com o outro, construindo uma história dos outros e de si mesmo.

A importância deste estudo está pautada no resgate e análise da percepção ambiental dos ribeirinhos crixaenses com relação ao Rio Vermelho, incentivando e estimulando a tomada de atitudes pela comunidade a fim de preservá-lo. Espera-se que, com a confecção de mapas mentais, esta população seja capaz de olhar o passado e visualizar a qualidade de vida empreendida naquela época, com a participação de um rio vivo, fazendo-o desejar tal condição para seus filhos e netos, reafirmando o significado histórico cultural afetivo do rio Vermelho para toda a população da cidade e transmitido aos seus governantes de forma tal que se empenhem em recuperá-lo.

2 - Desvendando Crixás pelo olhar de seus poetas

Na microrregião de São Miguel do Araguaia, mais especificamente no Vale do Araguaia, entre os rios Crixás-Açu e Crixás-Mirim, está a cidade de Crixás, no Estado de Goiás.

Segundo dados auferidos do *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Crixás tinha uma densidade demográfica, em 2010, de 3,38



Fonte: Google Maps com intervenção da autora - 2018.

habitantes/Km² e uma população de 15.760 habitantes, numa área de 4.661,168 Km². Sua história começou no século XVIII, com o descobrimento dos garimpos em Goiás, após as entradas dos bandeirantes pelos sertões. O nome da cidade deriva de duas nações indígenas (extintas) originárias da região: os Kirirás e os Curuxás, ainda lembrados pelos crixaenses, fato que pode ser comprovado pelo poema abaixo, de Sebastiana Ester Dietz de Oliveira.

EU EXISTIA...
 e... poucos sabiam;
 que aqui viviam
 eram os nativos
 Os Kirirás
 que:
 gordos, sadios, vadios,
 quase nus,
 comendo as caças,
 do rio dos peixes,
 do mato os frutos;
 tirando raízes,
 fazendo remédios;
 fazendo feitiços,
 adorando o Sol,
 adorando a Lua,
 seguindo o Pajé,
 o chefe da tribo;
 dormindo na esteira,
 formando fileiras,
 fazendo o tacape,
 fazendo os seus arcos,
 fazendo suas flechas,
 quebrando cocos,
 tirando o óleo;
 do Urucum tirando a tinta
 pra se enfeitar,
 das aves as penas,
 para se vestir pra se cobrir!...
 Inocentes coitados
 viviam felizes,
 nem imaginavam
 que uma nova história estava por vir!
 Era o ciclo do ouro,
 A febre do ouro,
 essa cor amarela,
 esse metal precioso,
 de tanto valor...
 Eram os Bandeirantes
 que vinham chegando,
 se embrenhado
 e desbravando,
 com muita fé... [...]
 (OLIVEIRA, 2001, p. 39, 40)

Em pesquisa sobre a fundação do povoado, encontram-se duas versões históricas. Na primeira versão, confere-se o título de criador ao bandeirante Manoel

Rodrigues Tomás, companheiro de Bartolomeu Bueno, com a designação de Nossa Senhora da Conceição, no período de 1726 a 1734. A segunda versão coloca Domingo Prado, em 1734, como fundador do povoado.

Atrás do binômio repetem-se as incursões. Ganha maior fama quem inaugura chão, como Domingo Rodrigues do Prado o faz no caso de Crixás, em 1734. Sem estradas nem caminhos, tendo-se de picar mato e romperem-se aberturas, o gasto de tempo e sobra de perigos passam a costume e tolerância. De pista, servem-se os bandeirantes só de pálidos indicadores: uma tapera aqui, um morro ali, um curso d'água acolá – revelações dos que vieram antes. (ASMAR, 1988, p. 17)

O nome de Crixás não remonta a nenhum fundador, mas sim a uma homenagem aos indígenas que ali viviam. Segundo Lima (2015, p. 33),

“Os índios Crixá viviam aldeados, usavam arcos, flechas e porretes. Havia 19 ranchos, todos redondos, bastante altos, cobertos de palmeiras, com uns buracos junto ao chão em lugar de portas. Em cada rancho viviam de 20 a 30 casais, as camas eram forradas com esteiras, que lhes serviam de colchão e cobertores. Eram pouco mais de 600 habitantes. Essa aldeia era situada junto de um grande córrego em cujas margens havia uma grande quantidade de um arbusto de médio porte carregado de frutos vermelhos. Com bastante peixe, caça, araras e periquitos, eles cultivavam milho, batatas e cabaças. Eram esses gentios o dono da terra que recebeu seu nome como única homenagem por tê-la guardado por tanto tempo. A este córrego citado foi dado o nome de Rio Vermelho.”

Em 1740, o povoado foi elevado a arraial de Crixás já em 1755, foi elevado a paróquia, permanecendo assim por quase dois séculos. Somente em 1953, oficializou-se o Município de Crixás. Historicamente, é possível perceber três períodos distintos em Crixás. No primeiro, houve a ocupação pelos bandeirantes e a instalação das primeiras lavras. Os indígenas que ali moravam foram escravizados, juntamente com os negros que foram transportados para o local. Formou-se a diversidade local, que mesclava negros, brancos e amarelos, todos trabalhando em prol dos garimpos, cada um com o seu papel estabelecido, sendo possível perceber que diante da raça, etnia e cor, estabelecia-se uma hierarquia, como Asmar (1988, p. 32) afirma:

Amarelo, do ouro, Preto, do escravo. E branco, do senhor que, explorando ouro e escravo, nem por isso deixa de ser explorado pelo Poder da Coroa, que se reserva o direito de não se deixar explorar por ninguém – de baixo. No alvorecer da vida goiana, o Poder se antecipava a qualquer procedimento político-econômico-social. A Coroa se serve de prepostos sem autonomia num organograma administrativo que irradia autoridade e arbítrio através de todos os caminhos. O bandeirante não se isenta da licença para descobrir minas e prear índios. Cartas Régias emitem normas e mercês mas, também, ressalva seu império.

O amarelo do ouro mantinha a ordem de sobrevivência, em que os homens brancos, os bandeirantes, eram muitas vezes portugueses nomeados pela Coroa. Assim, o povoado se desenvolveu por meio dessa prática. O ouro da região era de aluvião, assim as margens dos rios eram depreciadas. Asmar (1988, p. 42-43) demonstra o que acontecia aos rios da região:

Sintetiza Cunha Mattos:

O arraial de Crixás, que foi muito rico e povoado, tem tido os mesmos flagelos que aniquilaram os outros da província. Está edificado junto ao Morro de São Gonçalo e Serra da Pedra Furada, sobre o Rio Vermelho, que entra no de Crixás, que tomou o nome de uma tribo de índios já extinta. Teve muitos escravos e gente branca; aqueles acabaram, e esta apenas conserva sua descendência em alguns bastardos. Nas terras de Crixás encontra-se muito ouro, que se não aproveita por falta de água e braços. Tem 184 casas em 13 ruas principais, praças e travessas, e quatro igrejas pobríssimas e arruinadas; uma companhia de infantaria miliciana, uma de cavalaria, uma de Henriques e uma de ordenanças; foi povoado em 1734 por Domingos Rodrigues Prado, genro de Bartolomeu Bueno, o povoador de Goiás. Os pobres habitantes de Crixás subsistem pela mineração e por uma diminutíssima agricultura e pesca. É lugar muito doentio por motivos as águas estagnadas em grandes escavações, e pelo desdobramento do Rio de Crixás, o qual ficando de todo seco quando não há chuvas é como um mar nos tempos das águas.

O segundo período decorre da estagnação da produção aurífera, gerando o abandono do povoado, acompanhado da disseminação de doenças, com inúmeras mortes. O poema abaixo retrata a tomada da cidade pela febre amarela.

Era uma febre,
 Uma febre muito alta
 Vinda, não se sabe,
 ou quem sabe,
 de detritos entulhados
 ou águas estagnadas,
 empossadas nas minas
 e nos garimpos...
 Tinha o nome semelhante
 Ao amarelo do ouro,
 Mas era bem diferente
 desse metal precioso!
 Só se ouvia falar
 de gente adoecendo,
 tremendo,
 arrepiando,
 amarelando,
 pedindo água.
 e... morrendo!
 Pensavam em mudanças de tempo,
 resfriados,
 febre chamada malina
 mas... não era nada disso,
 era muito mais que isso
 era uma febre terrível
 O seu nome era Amarela!

[...] Vacina pra essa febre
 Ainda não existia,
 e mesmo que existisse,
 era só em outros centros!
 [...] Temos que deixar a Paróquia,
 esta Freguesia
 da Sra. da Conceição,
 diziam os que dirigiam
 essa pequena fração,
 porém, para aquele tempo
 já era um grande rincão,
 era uma terra nova
 cheia de esperanças!
 Os tantos que escaparam
 foi por que daqui fugiram,
 correndo pra outras plagas
 sem querer nem saber
 quem descobriu Crixás,
 quem fundou o Povoado;
 se tinha ouro ou não tinha,
 queria era fugir,
 carregar suas famílias
 e salvar as suas vidas...
 (OLIVEIRA, 2001, p. 89-92)

A situação em Crixás era tão difícil que o historiador Johann Pohl fez um retrato, em 1817, de tal situação:

O Arraial de Crixás [...] está bastante tomado pelo mato. Fica entre arbustos tão altos que, a não ser a semiarruinada Igreja de Nossa Senhora da Abadia, nenhuma casa se avista antes de penetrar no próprio lugar. [...] Consiste em quatro ruas largas, acidentadas e sem calçamento, que seguem a mesma direção. Tem cerca de 200 casas de madeira e barro, mal construídas, baixas, algumas caiadas, outras apenas rebocadas por fora. Há quatro igrejas, todas feitas do mesmo material e em péssimo estado de conservação. Algumas tinham torres, que já desabaram. O melhor edifício é o que serve de residência do Juiz. Foi construído pelo governo. Como a maioria dos escravos já morreu e o solo da região não é bom, mas impróprio para o cultivo, em breve teremos a irremediável e completa decadência deste lugar, e os futuros viajantes aqui só avistarão ruínas abandonadas e ermas (POHL, 1975, p. 60).

O governo da província, mesmo sabendo da situação da região, não interviu, pois Crixás apresentava uma localização geográfica desvantajosa. Apesar disso, as estradas e pontes se encontravam em estado de abandono, fato confirmado pelo relato do fiscal Francisco Xavier Barbosa, em 12 de janeiro de 1833 (ASMAR, 1988, p. 47-8):

Vossas Senhorias todos não ignoram o estado em que se achava este município em outro tempo tão florescente, e hoje diminuto tanto de população, como de prédios urbanos e rurais, o que saltam aos olhos lágrimas mais indiferentes. Eu conheço também que essa ilustre Câmara há pouco instalada está sobrecarregada de trabalhos indispensáveis, porém cumprindo em parte as minhas indispensáveis obrigações, indicarei

somente o que reclama as providências desta ilustre Câmara. O chafariz e a cadeia deste Município não podem deixar de serem (sic) os primeiros objetos de vossa atenção, as estradas para todos os pontos, pelas continuadas invernadas, estão intransitáveis, a agricultura se acha como em abandono, a indústria tolhida, e um dos maiores males que sofre este Município é a ociosidade de uma classe de indivíduos [...].

O terceiro período é representado pela chegada à cidade dos estrangeiros, com a retomada do período minerador e reestabelecimento da economia local, com probabilidades de desenvolvimento para a população.

O geólogo Albrecht Dietz redescobriu em Crixás o ouro, no início do século XX, encontrando as minas de ouro Chapéu de Sol e Venâncio. Ele estabeleceu-se como comerciante e constituiu família. Em bateias no leito do Rio Vermelho, de forma autônoma, até mulheres participavam do garimpo. A Companhia Inglesa John Taylor & Sons comprou as terras do garimpo, levando sua exploração até o ano de 1923, quando ocorreu uma revolta no garimpo, e os ingleses fugiram com todo o ouro fundido. Retratando esta época, encontramos o poema de Oliveira (2001, p. 113):

No ano de 1921;
Lavras, a antiga lavras,
A lavras então falada
retornou ao seu garimpo
novos trilhos,
novos dias,
estradas e estradinhas,
outras máquinas chegando,
até um automóvel
que nem se sabe como
assustando muita gente!
Ingleses e alemães
chegavam muitos de vez
anexando-se a outros
que aqui já tinham chegado
desde o começo do século,
com visões bem diferentes,
inclusive um Alemão
do qual eu sou descendente!
[...] A notícia do garimpo
agora, se espalhou,
e um fluxo de gente
novamente começou aqui a chegar
já tinham um bom caminho...

Em 30 de outubro de 1953, amparado pela Lei Estadual nº 850, foi criado o município de Crixás, oficialmente instalado em 1º de janeiro de 1954. Segundo Dias (2010), na década de 80, Crixás contava com uma população de 30.219 habitantes; destes, 75,66% estavam na zona urbana e ainda prevalecia a prática

de exploração do ouro por meio de aluviões e de jatos d'água de bombeamento mecânico. Contudo, no final da década de 80, a realidade mudou, com a instalação de uma multinacional na cidade, a Anglo Gold Ashanti, mais conhecida na região como Mineradora Serra Grande.

Segundo Lima (2015), com a implantação da mineradora, foram gerados novos empregos, aumentando assim o pagamento de impostos. Em 2015, a autora registrou uma folha de pagamento anual de R\$ 58 milhões, contando com 80% de funcionários goianos e, destes, 60% Crixenses.

“Somando-se o total de prestadores de serviço, empregados e seus familiares, são cerca de cinco mil pessoas vivendo diretamente com a renda gerada pela empresa. Isso em uma cidade com aproximadamente 16 mil habitantes.

Neste período foram visíveis as transformações na empresa e no município. Em Crixás as mudanças são evidenciadas pelos resultados da avaliação do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), mensurado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e que avalia geração de renda, saúde e educação. Desde a instalação da empresa na cidade até 2013, a melhoria do índice foi de 75%, de 0,404 para 0,708, e Crixás passou a fazer parte dos municípios brasileiros com IDHM alto [...].(LIMA, 2015, p. 98).

Segundo Dias (2010), Crixás se tornou uma cidade onde sua sustentabilidade está pautada em grande parte na extração mineral, completada pela atividade pecuária.

“O ouro que é extraído do território de Crixás tem um valor objetivo para a indústria, e subjetivo para os que compram e utilizam. Em geral, o ouro do Cerrado de Crixás é sinônimo de riqueza para a mineradora e para seus compradores. Enquanto que a comunidade de Crixás é empobrecida, sujeitando a oferta de trabalho, muitas vezes considerada de risco.” (DIAS, 2010, p. 91)

É possível perceber visões diferentes entre os dois autores citados. Lima percebe a mineradora sob a ótica parcimoniosa para a cidade e região, focando na geração de empregos, nos investimentos que advêm da empresa e no desenvolvimento econômico que proporciona à cidade. Contudo, o pesquisador Dias foca na dependência que a população crixense se expõe ao depender unicamente da mineradora para o sustento da região, ficando à mercê da empresa, devido à dependência econômica, pois a geração de emprego na região fica centrada na mineradora, deixando os crixenses sem opção de escolha de diferentes opções no mercado de trabalho. Dias (2010) esclarece tal panorama ao observar:

[...] A mineradora Serra Grande é hoje responsável por parcela substancial da dinâmica de Crixás, pois a empresa conta com um aparato tecnológico que necessita de infraestrutura e serviços para seu eficiente funcionamento.

O setor de serviços é uma verdadeira miscelânea de empresas, todas voltadas a algum tipo de apoio à Serra Grande. (DIAS, 2010, p. 46)

Contudo, além da parte econômica, é preciso visualizar o contexto geral, entre eles, o impacto ambiental da mineradora para a região, pois, no processo de escavação e retirada do ouro, é importante preservar a biodiversidade, os recursos hídricos, além dos demais recursos naturais.

Os recursos hídricos de uma região constituem-se um dos objetos de maior valorização para a população daquele local, porque a água representa uma necessidade básica à vida. Conforme Rebouças (2002), ela representa um “bem natural”. A palavra “bem” denota a relativa importância deste elemento. No Dicionário Ferreira (1999, p. 286), este vocábulo vem descrito como “Mercadoria ou serviço que pode satisfazer uma necessidade humana”. A necessidade humana de água é indiscutível. Entretanto, além do foco de base de vida, também é capaz de proporcionar lazer, estimulando a imaginação, pois, quando se fala em água, faz-se associação com rio: diversão, brincadeiras, piqueniques, família, pescaria, encontros, visto que este elemento é capaz de fazer criar imagens, devanear, libertar o espírito humano. Para Lynch (1999);

A imagem de um bom ambiente dá, a quem a possui, um sentido importante de segurança emocional. Pode estabelecer uma relação harmoniosa entre si e o mundo exterior. Isto é o inverso do medo que deriva da desorientação; significa que o doce sentido do lar é mais forte quando o lar é não só familiar, mas também distintivo. (LYNCH, 1999, p.15)

O rio, neste contexto, faz parte do seu lar, evocando boas lembranças, imagens embasadas no sentimento de “lar”, segurança. Assim escreveu Oliveira (2009, p. 19), em sua dissertação de mestrado sobre o rio São Francisco:

Quando olhamos para o rio, a beleza que nos chega aos olhos está na água que corre para o seu destino. Se os nossos olhos fazem com que o rio e as suas águas tornem-se espaços e cenários cheios de significados e logo eles interferem com as nossas paisagens interiores que, num remexer vivo, tocam o nosso imaginário, re-significando as nossas geografias interiores e exteriores a nós. Os lugares, as paisagens, os espaços se entrelaçam com a vida que vem do rio a nós, em seu acontecer.

Para Tuan (1980), os seres humanos são capazes de partilhar comumente atitudes e perspectivas. Entretanto, a visão que cada indivíduo possui do mundo é única, um lugar pode ter vários significados para as pessoas que por ele passam. Para Gratão (2005), o rio é:

A fluida fonte... vem do encontro... com “expoentes” do lugar... personagens do lugar... Seguindo pelas referências apontadas encontramos o lugar..., quando observamos através as múltiplas cenas e dos múltiplos encontros... um relacionamento de afetividade das pessoas com “O Rio”, marcando um forte sentimento de amor e expressão poética. (GRATÃO, 2005, p. 16)

O rio se torna um elemento de identificação dos moradores (ribeirinhos), com o lugar, retomando assim a topofilia de Tuan, onde o sentimento dos moradores vem mesclado de afetividade pelo Rio Vermelho. Este amor pelo lugar, pela sua terra, sua Crixás, pelo seu “Rio”, o Rio Vermelho, este rio que corta toda a cidade, que outrora era o “Rio dos Sonhos”, vem de maneira bem clara através do poema de Sebastiana Ester Dietz de Oliveira.

[...]
 O Rio bonito
 de água gostosa
 corria altaneiro
 e para os nativos
 era uma beleza!
 (OLIVEIRA, 2001, p. 52)

A autora Oliveira (2001) deixa claro o período vivido pelo rio, instituindo um paralelo temporal e estabelecendo o momento anterior à chegada dos bandeirantes, quando os Kirirás eram os donos da terra. Neste contexto, pode-se perceber, pela descrição da autora, que os moradores valorizavam seu rio e, com ele, relacionavam-se, por uma vivência caracterizada pela conservação. Para Gratão, a água deste rio torna-se elemento de imaginação (2005):

“Assim concebida, a água é matéria, e, por mais material que seja, embala os sonhos, é fonte de inspiração poética, tal como se manifesta nas imagens e símbolos humanos, em seus atos, na morte e na vida: a água move e umedece o real. Manifesta em atos e símbolos humanos, é substância, é água sonhada, é matéria, é imaginação!” (GRATÃO, 2005, p. 52)

O rio era amado, cuidado, a sua valorização fica clara no embasamento da escolha do nome “Rio Vermelho”, reforçando o laço entre o rio e o lugar, antes do garimpo adentrar na região.

[...]

Quem sabe o Urucum,
 Madeira vermelha,
 era abundante
 em sua margem
 e assim sendo,
 inspiraram-se
 para chamá-lo,
 de Rio Vermelho.
 (OLIVEIRA, 2001, p. 52)

O apego afetivo entre meio ambiente e seres humanos está presente no poema. Retomando Tuan (1980), em seu sentimento de pertencimento ao lugar, de acordo com a Topofilia, ele revela este laço de afetividade, capaz de explicar o elo, que se apresenta com o poder de alçar um “lugar” ao patamar de portador de emoções, criando simbologia para a população que ali reside. Lugar é onde a pessoa se encontra integrada, onde se sente ambientada. Este faz parte do seu universo, suas emoções e sentimentos estão integrados a ele, transmitindo uma significância, representando seu lar para o homem. Este lar não é qualquer local, mas sim aquele que representa uma ligação afetiva para o indivíduo ou grupos de indivíduos. Pela análise deste poema, percebe-se um rio com “personalidade”, “espírito”, pertencente à população de Crixás.

[...]
 Dizem também:
 que os garimpeiros
 sujavam sua água,
 buscando a riqueza
 e assim o batizaram
 de Rio Vermelho!
 (OLIVEIRA, 2001, p. 52)

Como as águas que correm, assim o tempo passa. O brilho do ouro desperta a cobiça humana. Com isso, o rio, antes límpido, agora apresenta-se com outra coloração, começa a correr em seu leito a cor da destruição, a cor do garimpo.

[...]
 O Rio Vermelho
 nos dias de cheia
 ficava garboso,
 saindo da caixa,
 mostrando os seus rastos
 com seus escondidos,
 com sua riqueza!

Grosseiras jangadas
 já eram dele bem conhecidas.
 Os peixes graúdos
 e até os pequenos
 já eram sofridos

pelas flechas,
pelo arpão... [...]
(OLIVEIRA, 2001, p. 52)

O rio é um lugar onde o homem constrói sua história, para Oliveira (2009, p. 80): “A sua natureza de correnteza possibilitou que os homens construíssem suas histórias de vida em seus espaços, num encontro de homens e águas que seguem juntos”. Mesmo com o garimpo em suas margens, o Rio Vermelho resiste, forte, belo e majestoso em seu correr fluído. A beleza da descrição da poetisa faz com que o Rio Vermelho torne-se um lugar carregado de significados, que interfere na paisagem interior de quem com ele convive hoje. Quando se contempla o Rio Vermelho, atualmente, percebe-se um córrego, tímido, poluído, que não permite ser tocado pelo homem.

[...] Depois de pesquisarem lavras
que até hoje
têm seu nome;
Depois de habitarem
por um período de tempo
no chamado Cardozinho
onde fizeram casas,
casas improvisadas
e até muitas senzalas
À margem esquerda do Rio Vermelho
É que se localizaram! [...]
(OLIVEIRA, 2001, p. 58)

O brilho dourado do ouro ofusca o brilho transparente das águas do Rio Vermelho. Assim, o garimpo de aluvião se estabelece em suas margens. Neste panorama, este rio é apresentado, sendo possível perceber no poema laços de afetividade, estabelecidos entre a população ribeirinha e o rio. Nesse sentido, este trabalho busca a (re)cuperação da memória deste rio naquele tempo, em que ele se apresentava como um lugar para morar, para habitar, pescar e se alimentar, buscando imagens e procurando resgatar as experiências vividas, bem como o cotidiano da população em contato com as águas limpas, estabelecendo-se um comparativo com a realidade atual, em que o Rio Vermelho está poluído e, por isso, não pode ser tocado.

Oliveira (2009, p.15) pondera: “[...] esse rio, que é um acidente geográfico da natureza, configura a vida das pessoas, na arte, na musicalidade, nas suas tradições, com seus rituais e crenças. Nas águas do rio, homens e

mulheres vão desenhando suas histórias de vida”. As águas de um rio fazem parte do cotidiano de sua comunidade, povoando o seu imaginário e incitando-a a contar sua história. A poetisa Oliveira (2001, p. 173-175) relata especificamente sobre o Rio Vermelho, contando através de um poema sua trajetória até os dias atuais, ao demonstrar o sentimento dos crixenses. Com base em suas palavras, é possível entender o que este rio foi para a comunidade, percebendo que este curso de água faz parte da história destas famílias, tornando-se um personagem integrador para a população, pois, em suas águas, desenvolviam-se os programas familiares sociais desta comunidade.

“ACABOU-SE O RIO VERMELHO”
 Acabou-se o rio dos meus bisavós,
 O rio dos meus avós,
 O rio dos meus pais,
 Acabou-se o meu rio...

O rio Vermelho acabou-se,
 os banhos meus, os meus banhos,
 Os banhos dos meus filhos,
 Dos filhos nossos,
 foram-se, talvez, para nunca mais...

À margem esquerda
 Da centenária e jovem Crixás
 Existiu um rio
 de água limpa e gostosa
 de água boa e venturosa.

O rio é capaz de despertar tradições vividas pelos que dele desfrutam, construindo personagens que dele participam e, na sensibilidade da linguagem apresentada pela poetisa, é possível construir imagens e interpretações deste fluxo de água, através de percepções e sensações em torno da realidade vivida; convidando o leitor a sentir o rio, sentir sua água, que é bebida, que é usada para banhar, água que se transforma em poesia. Como escreve Arbués (1997, p. 26): “no rio que banha dois lados, tudo se mistura numa coisa só. Não se sabe se a lavadeira que está desse lado nasceu cá ou lá, pois as águas e as tradições se confundem”.

O rio da lavadeira,
 O rio da mãe preta,
 O rio da mãe branca,
 O meu rio...

Para Chiapetti e Chiapetti (2011, p. 74), as águas de um rio despertam a percepção, lembrando os indivíduos de suas raízes, seu passado vivido e que

deixou saudades. O rio é um elemento da natureza que é vivido pelas pessoas que por ele passam: “As águas de um rio, por suas características, permitem-nos navegar... passar... deslocar... viajar... e, ainda, dão prazer... felicidade... Um rio pode ser vivido por quem o percorre, por quem flui junto às suas águas que correm... Mas, um rio também está ligado ao seu fluir... ao movimento contínuo da sua corrente... e à segurança das suas margens por onde escorre... margens estas que separam, mesmo que seja uma separação só aparente, pois um rio pode delimitar, separar ou juntar, depende da nossa percepção.”.

O rio das tardes quentes de Crixás,
 O rio que me dava bem-estar;
 O rio do velho, do jovem
 e da criança pescar.
 E por que não dizer?
 O rio de a gente nadar!
 O rio dos meus oito anos
 em que eu gostava
 de nadar, brincar, pular
 E na sua margem,
 ter sempre um cipó para eu balançar.

O homem não ama a natureza
 porque se a amasse,
 O rio Vermelho não vinha acabar-se.
 Os motores foram colocados,
 Os barrancos desmoronaram-se...
 e o meu rio foi entulhado.

A água do meu rio
 ficou suja,
 ficou vermelha.
 O meu rio agora
 corre triste e quebrantado.

O rio pode ser um divisor, uma fronteira entre suas duas margens. Contudo, ao mesmo tempo que é capaz de separar, o rio também é capaz de agregar. Para Oliveira (2009, p. 98), “nas duas margens do rio, o mundo realiza seu acontecer e os diferentes tempos das muitas vidas passavam. Sinto que ainda há muito de tristeza nessa poesia de beira de rio”. O rio adquire, no decorrer do poema, uma individualidade viva, que é capaz de aglutinar toda a tristeza da população que não pode mais compartilhar suas águas. “Um rio guarda em si múltiplas possibilidades. Chora e sorri enquanto corre... corre com sua fluidez... lava e conduz os homens no seu dorso... ensina e aprende... guarda em si todos os mistérios da natureza... e, ainda, é de uma simplicidade sem par” (SOUZA NETO, 1997).

O meu rio está chorando,
 Hoje ele diz:
 deixei de ser um rio garboso,
 cheio de primores,
 Agora sou um porcalhão
 minhas águas
 são podres, nojentas, sujas, barrentas.

Deixei de viver,
 riscaram-me do mapa de Crixás,
 Da terra dos Kirirás.
 Deixei de viver
 para outros nascerem!

Os rios são mais do que simples recursos naturais. Eles são cenários, paisagens, são lugares onde as pessoas interagem com a natureza, produzindo comunicação, criando um patrimônio simbólico de imagens. Como escreve Lessa (2007, p. 116): “o espaço do rio é o lugar de muitos e paisagem para todos”. Para Gandara (2010), os rios caracterizam-se como formadores de mundos sociais, conseguindo reunir em torno de si mesmo uma abundância de representações como “lugares de significação” que se tornam para os que dele utilizam.

Você garimpeiro,
 Você motor, você draga
 São as razões
 de eu não mais viver!

Àquele que me criou
 Àqueles que me amaram,
 Que me prezaram,
 O meu adeus!

O rio não deixa de ser rio, mas o ambiente ao seu redor vai mudando com o tempo. Assim, os rios também mudam. Para Chiapetti e Chiapetti (2011, p. 76): “Os rios representam um sistema indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre o meio e as pessoas. Os rios têm história”. Portanto, o Rio Vermelho apresenta a sua triste história, pedindo socorro e lembrando a todos que ele ainda está lá e que pode ser necessário outra vez para a população.

Talvez um dia voltarei
 pois a minha nascente
 ainda vive, pura e cristalina
 e essa... nenhuma força humana,
 poderá destruí-la!

Hoje não tenho água para lhe dar,
 hoje você não tem jeito de lavar,
 Hoje eles só querem me esmagar,
 me chocalhar...

Amanhã, quem sabe,
precisarão de mim
para a sua sede saciar,
para a sua roupa lavar,
sem ouro você viverá
Porém, sem água,
Não dá para experimentar...
(OLIVEIRA, 2001, p. 173-175)

O Rio Vermelho vem sofrendo com a mineração desde o início da ocupação da região de Crixás, mais especificamente desde as primeiras décadas do século XVIII. O ciclo do ouro na região conheceu várias etapas, mas, inicialmente, as atividades dos garimpeiros, como comprovam as fotos a seguir.



Foto de mineradores no Rio Vermelho

Fonte: Divino Rafael Ribeiro (ribeirinho) - 1987



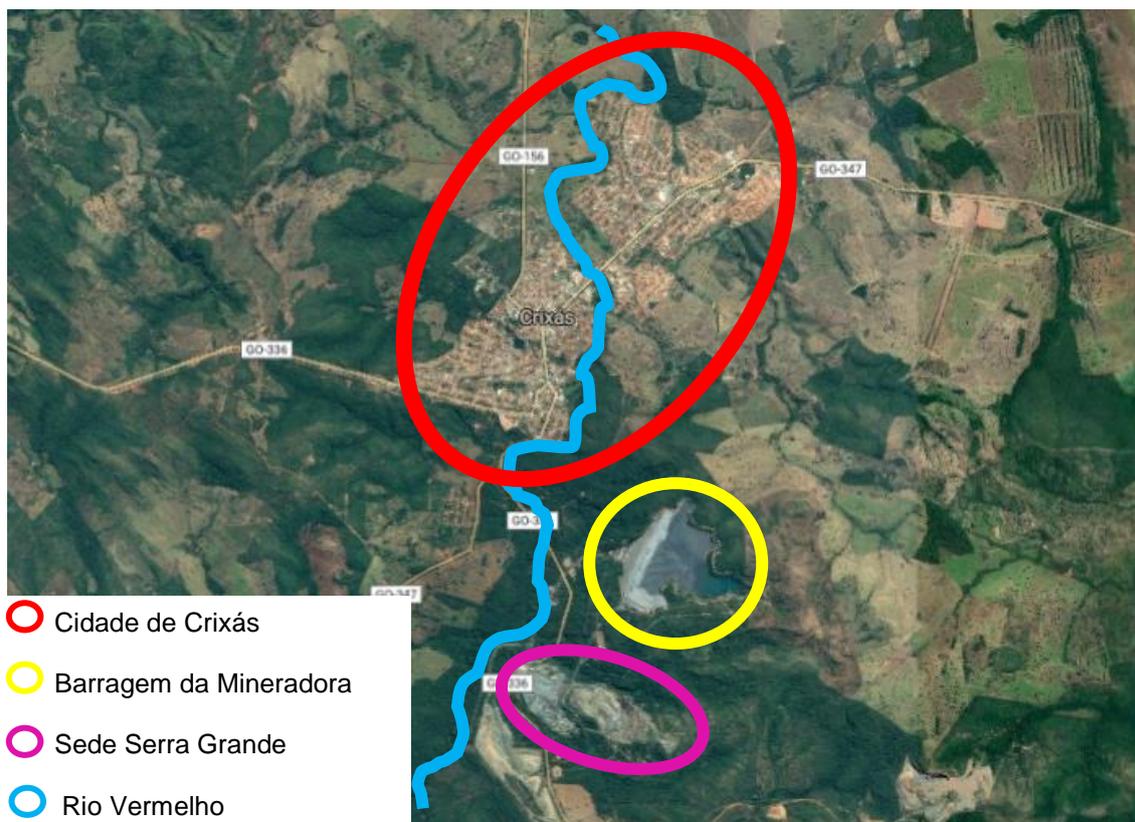
Foto de mineradores no Rio Vermelho

Fonte: Divino Rafael Ribeiro (ribeirinho) - 1987

Em um segundo ciclo, chegaram as empresas mineradoras. A Mineração Serra Grande S/A, em 1989, iniciou suas operações nas lavras de ouro em Crixás. Em 1990, os garimpos clandestinos foram proibidos na região, a atividade do garimpo chegou a reunir mais de cinco mil pessoas, segundo relatos de Fernandes, Lima e Teixeira (2007).

Com isso, a mineradora Mineração Serra Grande S/A tornou-se a única a fazer a extração do ouro na região, pois, em 2002, o Ministério Público (MP-GO, 2002) relatou e denunciou a contaminação da região por mercúrio, através de vários garimpos ilegais na região, segundo relatos de Azevedo e Delgado (2002):

“Os garimpos haviam sido embargados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e pela Delegacia do Meio Ambiente até que fosse feita a regularização no órgão ambiental competente.” (AZEVEDO; DELGADO, 2002).



Fonte: Google Maps com intervenção da autora - 2018

De acordo com dados extraídos de Lima (2016), a Mineradora Serra Grande está localizada a Noroeste do Estado de Goiás, mais especificamente a Sul da cidade de Crixás–GO. Ela representa aproximadamente 4,4% de toda a produção de ouro do Brasil, constando com operações subterrâneas e a céu aberto.

Para Sobreira (2016, p. 45), a barragem de Crixás apresenta uma altura de 80 metros, apresentando uma distância média do município de aproximadamente 1,5 quilômetros, em linha reta jusante a barragem. A cidade de Crixás localiza-se topograficamente abaixo da barragem de rejeitos da mineradora, e o Rio Vermelho corta justamente o meio da cidade de Crixás.

Em 1990, ocorreu o trincar da barragem de rejeitos da Mineradora Serra Grande, com vazamentos, além do despejo de água contaminada no Rio Vermelho. Este incidente está descrito abaixo:

O Ministério Público (MP), em 2004, penetrou com uma ação civil pública contra a Mineração Serra Grande S/A, sendo que a mesma já havia sido multada, anos antes, pelo MP, em razão do rompimento de sua barragem de rejeitos químicos, na década de 1990, este acidente levou ao despejo de milhões de litros cúbicos de água contaminada no rio Vermelho, em

Crixás. A peça elaborada pelo MP e enviada ao juiz do caso afirma: “Positivados em várias análises e laudos anexados a presente (peça) fica patente, portanto, que os lançamentos dos rejeitos químicos mencionados principalmente arsênio e cianeto - não atenderam aos níveis recomendados, o que demonstra, de maneira inequívoca, a existência de gravíssima poluição hídrica e a violação à legislação vigente” (ANDRADE; LEONE JR., 2006).

O rio já se encontrava num processo de contaminação anterior, devido aos vários garimpos menores, que já estavam em funcionamento antes da instalação da mineradora. Estes garimpos menores exerciam a prática da atividade no leito do rio, com a utilização do mercúrio para a separação do metal ouro. Como a própria poetisa Oliveira, (2001, p. 174) descreve: “[...] Você garimpeiro, Você motor, você draga. São as razões de eu não mais viver! [...]”. Com o incidente descrito, as águas do Rio Vermelho se tornaram totalmente inapropriadas para o uso.

Além da contaminação do Rio Vermelho, a população de Crixás vem sofrendo outras consequências da mineração em outras vertentes de sua vida, na saúde, como relata um estudo do CETEM:

Em 2007, um estudo elaborado por pesquisadores do Centro de Tecnologia Mineral (CETEM) colheu relatos sobre a existência de um índice elevado de retardamento mental no município, além de casos de hidrocefalia, Síndrome de Down e problemas neurológicos, os quais podem estar relacionados com a contaminação proveniente da mineração (FERNANDES; LIMA; TEIXEIRA, 2007).

A comunidade crixense tem conhecimento da situação exposta, devido à atividade de mineração na cidade. Contudo, em decorrência da vinculação financeira, aceita a situação como algo normal, pois a dependência econômica da população se sobrepõe e, a mantém à mercê deste elo que se criou.

Alguns dos moradores de Crixás entrevistados pela equipe do CETEM relacionam as doenças à ocorrência de cianeto, proveniente do processo de beneficiamento do minério. A substância altamente tóxica estaria misturada nas barragens de rejeitos produzidos pela Mineração Serra Grande. Os acidentes na barragem de rejeitos e a contaminação do rio Vermelho também são do conhecimento da população. A pesquisa do CETEM não constatou a existência de um trabalho de rastreamento ambiental permanente, por parte da Mineração Serra Grande, para verificar a ocorrência de vazamentos e outras formas de danos ao meio ambiente (FERNANDES; LIMA; TEIXEIRA, 2007).

O quadro que se apresenta é desolador, mas é preciso reconhecer que os cidadãos desta cidade possuem uma história junto ao rio. Procura-se, com esta

pesquisa, assegurar que esta vivência não se perca e, assim, permitir que as gerações mais antigas revivam seu passado e a atuais e futuras as conheçam, no intuito de reconhecer este fluxo de água como um patrimônio da comunidade crixaense. Para tanto, é necessário eleger a percepção e a memória relacionadas a ela, como um mecanismo de resgate do passado, portador de definições e de simbolismo, incentivadores para estruturar e reconstruir a história não conhecida destes ribeirinhos.

3 - O Rio e a percepção dos ribeirinhos, um olhar através dos mapas mentais

Para Tuan (1983, p. 152), espaço e lugar exibem-se de forma associada, pois direcionam a experiências relacionadas para as pessoas: “Vivemos no espaço. O lugar é segurança e o espaço é liberdade, estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro.” O espaço expõe-se, nesse sentido, como um significado mais abstrato, mais livre, enquanto o lugar reveste-se de um aspecto de pertencimento a um determinado ambiente, criando um elo associado a lar, segurança, família. O lugar apresenta-se estabelecido pelo conviver diário; objetos, pessoas, ambientes, em conjunto tornam-se representativos, compondo “seu lugar no mundo”.

Ao se definir e contrair significado, o espaço, de acordo com Yi-Fu-Tuan (1983), passa a representar para as pessoas experiências de vida, que fundamentam a percepção formada, através da construção da realidade ali vivenciada. Então, quanto maior o tempo, mais valor aquele lugar adquire, ao apresentar identificação para os seus moradores, que o visualizam sob uma perspectiva de afeição, de modo que a força do sentimento e de reconhecimento de pertencimento vão se fortalecendo.

O lugar e a vida passam a se refletir mutuamente, como se espelhados pelas águas cristalinas de um rio. O ribeirinho ao se visualizar nas águas, vê-se refletido seu rosto, suas vivências, por onde se passou, onde se viveu, o que se perdeu, e qual é o seu lar. Com o passar do tempo, tal qual as águas de um rio correm, e nunca mais são as mesmas, a passagem do tempo modifica seu lugar, provocando alterações. As modificações não desmitificam um lugar, apenas carregam lembranças de saudades de um tempo, ou de uma característica do seu lar, que não existe mais. Este certamente é o significado de lar, de um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores, consoante a concepção de Tuan (1983, p. 160).

O rio adquire a significação de “lar” para seus ribeirinhos. Segundo Gratão (2002), pode ser visto, sentido e vivido por lentes de afetos, sentimentos entrelaçados a episódios vivenciados no encontro homem/natureza. A percepção desses momentos fica marcada nas memórias daqueles que os viveram,

despertando um sentimento saudosista. O geógrafo humanista David Lowental, citado por Gratão (2002), explica esta visão:

Cada imagem e ideia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Os lugares em que vivemos, aqueles que visitamos e percorremos, os mundos sobre os quais lemos e vemos em trabalhos de arte, e os domínios da imaginação e de cada fantasia contribuem para as nossas imagens da natureza e do homem. Todos os tipos de experiências, desde os mais estreitamente ligados com o nosso mundo diário até aqueles que parecem remotamente distanciados, vêm juntos compor nosso quadro individual da realidade. A superfície da terra é elaborada para cada pessoa pela refração através de lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias. Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagens, criando ordem e organizando espaços, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções (LOWENTAL, 1982, *apud* GRATÃO, 2002, p.141).

Indistintamente para cada indivíduo, o rio assume significação diferenciada no decorrer de sua vivência, cria uma relação diversa com as paisagens e lugares experimentados, assumindo percepções distintas, dependendo dos múltiplos fatores que foram vividos.

Esta pesquisa tem caráter exploratório descritivo de abordagem qualitativa, a qual aborda o universo da percepção, em que o olhar da pesquisadora está voltado para o universo vivenciado pelos crixenses junto ao rio, seus significados, aspirações, atitudes, valores, com relações sentidas e vivenciadas por eles. Para o embasamento teórico-metodológico, foram utilizados os mapas mentais confeccionados pelos ribeirinhos.

O intuito desta pesquisa é analisar a percepção ambiental da comunidade ribeirinha do Rio Vermelho, na cidade de Crixás-Goiás, onde residem aproximadamente 50 famílias. Entretanto, foca-se nos moradores com idade de 40 anos ou acima, que nasceram e ainda são residentes da cidade, pois foram testemunhas das mudanças do uso do rio e vivenciaram o acidente que ocorreu em 1990 (trincamento da barragem da Mineradora Serra Grande) e suas consequências na vida do ribeirinho.

A fim de determinar o número de mapas mentais para esta amostra, foi utilizado o cálculo para a amostragem finita, utilizando o programa Excel, no qual um número pré-estabelecido de 50 indivíduos foi definido. Assim, com um nível de confiança de 90% e um nível de precisão de 10%, determina-se uma amostra calculada de 28 pessoas indicadas para a confecção dos mapas mentais.

Vale ressaltar que os mapas mentais foram confeccionados pelos ribeirinhos em suas respectivas moradias, com a garantia de privacidade, conforto e sem interferência da pesquisadora. Apresentando parecer aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Anápolis (UniEvangélica), sob o número 2.22.016, os dados levantados foram utilizados com exclusividade para a conclusão desta pesquisa, possível elaboração e publicação de artigos, sendo garantido que, após cinco anos, estes levantamentos serão incinerados.

Os mapas mentais foram ancorados na sociolinguística, sobre os espaços/lugares e sua apreensão/representação, conforme Kozel (2007). A metodologia proposta por Buzan & Buzan (1994) e a de Kozel (2007) tem o intuito de apreender por meio de uma linguagem distinta as experiências dos indivíduos e sua relação com o espaço/lugar, entendendo que “o mapa mental é um enunciado que advém de relações dialógicas estabelecidas entre interlocutores no contexto socioespacial”, ainda segundo Kozel, compreendendo que “por meio da linguagem, o sujeito se expressa, expõe seu mundo vivido. E, sem dúvida, os mapas mentais são de suma importância no campo das representações e a construção de significados espaciais”. (2009, p.127)

O conceito é quebrar a ideia em unidades digeríveis de forma que uma privilegiada palavra-chave, imagem, símbolo ou consideração direcionem a outro, que, conseqüentemente, leve a outra, possibilitando a construção de pontes, que levam ao melhor entendimento do tema. As cooptações serão alcançadas através de temas e subtemas, que sejam capazes de apontar vinculações existentes, utilizando também as cores como um instrumento de codificação, a fim de finalizar, será observado todo o contexto de criação dos mapas com metáforas associativas.

Os ribeirinhos foram instruídos a “ênfatizar, segundo Buzan e Buzan (1994, p.97):

seja através da utilização de múltiplas cores, imagens como tema central, dimensões variadas entre as imagens, palavras e linhas, sinestesia ou ramificações bem concebidas. A ênfase é tida como fator benéfico ao desenvolvimento da memória e da criatividade. O uso de cores é particularmente encorajado, pois estas podem ajudar a delimitar limites entre as diferentes ideias e, num mapa contendo muitas informações podem facilitar a identificação do que se procura. Além de ser uma ferramenta de realce do que se deseja.”

Com relação à estrutura dos mapas, ainda conforme Buzan & Buzan (1994, p. 104), para que as percepções, expressas através da memória afetiva,

sejam capazes de fluir harmoniosamente, faz-se necessário arquitetar e situar relações hierárquicas, procurando ordenar os tópicos, de forma que fique clara sua relevância, em ordem cronológica.

Para a confecção dos mapas mentais, foi, num primeiro momento, agendada a visita da pesquisadora a seus domicílios, onde se identificou e informou a instituição, o conteúdo da pesquisa e a conseqüente finalidade da composição e utilização dos mapas mentais conforme aprouver; se aceito. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para sua assinatura.

Para iniciar a formulação dos mapas, algumas perguntas semiestruturadas foram realizadas pela pesquisadora, orientando as seguintes questões norteadoras: “Do que você se lembra do Rio Vermelho na sua infância ?; Como o rio é visto hoje por você?” Essas questões visavam estimular a memória e despertar sensações guardadas, enquanto os ribeirinhos elaboravam um percurso imaginário pelo espaço objeto do trabalho.

A pesquisadora disponibilizou folhas A4 com a impressão do Rio no centro, lápis de cor (caixa com 12 cores), lápis preto, borracha e apontador. O mapa mental iniciou-se com a imagem do Rio Vermelho no centro do papel. A partir daí, o ribeirinho ficou com liberdade para trabalhar temas e subtemas com ramificações consecutivos, de forma hierárquica, cada ramificação poderia conter uma palavra ou imagem que acrescentasse valor de significação ao tópico central. A composição dos mapas foi livre para o ribeirinho, podendo ser composto apenas de imagens, de palavras ou de forma mista.

A análise dos mapas pela pesquisadora foi realizada seguindo as orientações de Kozel (2007):

1 – Os mapas foram organizados em categorias quanto à forma de apresentação: se somente desenhos, se somente palavras ou misto.

2 – O conteúdo dos mapas foi avaliado, levando em consideração os seguintes critérios: a) interpretação quanto à representação das informações, seja na imagem ou nas palavras e o utilizar das cores; b) interpretação com relação à distribuição dos elementos na folha; c) interpretação com relação à especificidade os símbolos neles descritos, (paisagens naturais, paisagens construídas, elementos móveis e imóveis; elementos humanos); d) outras particularidades acrescentadas.

3 – Completando o estudo, observa-se ainda a distribuição dos dados: (isolados, forma dispersa, em perspectiva, horizontalmente, em círculo).

Através do diálogo entre a pesquisadora Kozel (2007) e os autores Dardel (1990), Lynch (1999) e Tuan (1980-1983), estabeleceu-se a associação entre a percepção da memória afetiva dos ribeirinhos e os mapas mentais, buscando o entendimento das ações humanas, afinidades, criação de laços afetivos pelo lugar e a relação homem/espaço/lugar/natureza; a análise ficou classificada em tópicos pautados nos cinco sentidos de Tuan (1980-1983): visão, olfato, audição, tato e paladar.

Assim, pretendeu-se relevar percepções, memórias afetivas, sentimentos que povoam o cotidiano das pessoas, com relação ao Rio Vermelho, por meio de mapas mentais, percebendo assim a sua vivência. Outro recurso para resgate da memória do Rio Vermelho foi por meio de registros fotográficas dos ribeirinhos.

A inclusão dos sujeitos para a confecção destes mapas abarcou indivíduos que nasceram em Crixás, até 1977, e ainda residem na cidade, que computam idade a partir e ou acima de quarenta anos (40). Foram excluídos indivíduos com menos de 40 anos, pessoas que sejam naturais de outro lugar e até mesmo aqueles crixaenses que, por determinado período, residiram em outro lugar. Outro critério de exclusão foi a recusa do morador em participar da pesquisa.

Entre os benefícios almejados por este projeto destaque-se o resgate da percepção ambiental dos ribeirinhos crixaenses com relação ao Rio Vermelho, impulsionando a tomada de atitudes pela comunidade, a fim de preservar o Rio Vermelho e estimular que essas pessoas desejem que seus filhos e netos sejam capazes de conviver com um rio vivo. Além disso, é preciso relembrar à população o significado histórico, cultural e afetivo do Rio Vermelho para toda a cidade e, com isso, transmitir este conceito aos seus governantes, de forma tal que se empenhem em recuperá-lo.

3.1 - O Rio Vermelho através dos mapas mentais

O espaço é material, enquanto o lugar é humano e atinge proporções reais e imaginárias, tornando-se simbólico para aqueles que dele se apropriam; o ser humano está no espaço e constrói o seu lugar.

Em Bachelard (1989), este trabalho se apropria dos conceitos de expressões oníricas e poéticas do espaço, ambos expressos pelos ribeirinhos na percepção da água – para os crixaenses, os sonhos de infância e a água se misturam em suas lembranças.

As mudanças no espaço acarretam mudanças nas imagens produzidas pelos ribeirinhos em suas narrativas. ... a água já não é apenas um grupo de imagens conhecidas numa contemplação errante, numa sequência de devaneios interrompidos, instantâneos; é um suporte de imagens e logo depois um aporte de imagens, um princípio que fundamenta as imagens. A água torna-se assim, pouco a pouco, uma contemplação que se aprofunda, um elemento da imaginação materializante. (Bachelard, 1989, p.12)

As vivências dos lugares ficam guardadas na lembrança daqueles que ali vivem e formam memórias afetivas, estas quando ativadas, são os fundamentos para a construção dos mapas mentais. Através dos cinco sentidos humanos, o homem é capaz de conhecer, viver e sentir o lugar, povoando sua memória de imagens, sons, cheiros, por meio desta inter-relação, emergem as percepções, que são capazes de provocar no homem o reconhecimento entre ele e o lugar onde se reconhecem tais percepções.

O mapa mental aqui utilizado foi uma expressão carregada de sensibilidade, tentando trazer consigo uma feição de pertencimento a este lugar para a comunidade aqui estudada e abrindo a possibilidade da representação simbólico-perceptiva deste ambiente, porque os mapas mentais visavam demonstrar a perda destes ribeirinhos com relação a este corpo de água.

Para Kozel (2009), a finalidade dos mapas mentais é apreender, por meio de uma linguagem alternativa, as experiências dos indivíduos e sua relação com o lugar em que vivem: “o mapa mental é um enunciado que advém de relações dialógicas estabelecidas entre interlocutores no contexto socioespacial”. Desse modo, a autora esclarece que, “por meio da linguagem, o sujeito se expressa, expõe seu mundo vivido. E, sem dúvida, os mapas mentais são de suma

importância no campo das representações e a construção de significados espaciais” (KOZEL, 2009, p.127).

Os mapas mentais mistos são capazes de representar os vários sentidos humanos (visão, olfato, audição, tato e paladar), o que se dá devido à variabilidade e à liberdade de expressão contidas nos mapas mentais mistos. De acordo com Tuan (1980), aos seres humanos é permitido, através dos órgãos sensoriais, adquirir experiências intensas relacionadas ao lugar. Os sentidos são aptos a captar e criar uma identidade de lugar, relacionada às relações emocionais adquiridas e compartilhadas, sendo que, o resgate de elementos específicos guardados na memória, podem ser ativados, seja por uma foto, um cheiro específico, um canto de pássaro.

Segundo Tuan (1980), o mundo é apreendido simultaneamente pelos seres humanos através de todos os sentidos, permitindo que se alie a percepção com a relação multissensorial do todo vivenciado pelas pessoas, o lugar fazendo parte desta relação.

Considerada o sentido predominante no homem, a visão proporciona mais informações que os demais sentidos. Por meio dela, são estabelecidas relações de espaço, forma, contraste, cor, textura, luz, através de uma visualização tridimensional do ambiente.

Quanto ao olfato, o cheiro é um elemento que permite identificar e complementar as informações alcançadas visualmente, além de ser um componente que por si só é capaz de ativar lembranças de lugares antes guardados somente na memória afetiva das pessoas. Para Claval (1999, p. 84), “a lembrança mais tenaz que guardamos dos lugares está associada aos odores dos quais eles são portadores”.

Com o sentido da audição, pode-se formar uma consciência sonora, em que específicos sons avivam memórias relacionadas a lugares já conhecidos, momentos saudosos. Para Tuan (1983), pelo tato é possível explorar o meio em que se encontra; para os ribeirinhos, é possível sentir a água, o ar, a terra, relacionando-os a texturas diferentes, através de um banho no Rio Vermelho ou até mesmo uma simples visita às suas margens. O sentido do paladar também pode ser reavivado através dos piqueniques feitos em suas margens, ou mesmo dos peixes consumidos do rio pelos ribeirinhos.

A maneira como o indivíduo sente e/ou percebe o arredor é caracterizada como forma única de percepção, aliando todos os sentidos, que podem atuar de forma direta ou indireta no processo de projeção do lugar para a pessoa.

Ao se associar os cinco sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar) ao lugar e à percepção, o almejado é demonstrar uma linha de raciocínio que vá além das dimensões físico-estruturais, evidenciando que o ribeirinho é capaz de construir uma percepção do antes e do depois da contaminação do Rio Vermelho pela sua vivência, ao utilizar os sentidos como aporte de tal percepção.

3.1.1 – Visão

Dentre os cinco sentidos, o mais utilizado pelo homem é o visual, a espacialidade em sua plenitude consegue chegar até o observador de forma mais delineada e específica através da visão. Tuan (1980, p. 7) explana esse entendimento ao afirmar que “a maioria das pessoas, provavelmente, considera a visão como sua faculdade mais valiosa e preferiria perder uma perna ou tornar-se surda ou muda a sacrificar a visão”.

O ato ou efeito de ver está relacionado ao órgão da vista, remetendo ao sentido da visão, que coloca homens e animais em contato com o mundo exterior. Segundo Lent (2002, p. 272), a visão é como uma lente que capta imagens de forma inteligente:

“O sentido da visão é proporcionado ao homem pela interação da luz com os receptores especializados que se encontram na retina. Esta é um “filme inteligente” situado dentro de um órgão — o olho — que otimiza a formação de imagens focalizadas e precisas dos objetos do mundo exterior. O olho é uma câmera superautomática capaz de posicionar-se na direção do objeto de interesse, focalizá-lo precisamente e regular a sensibilidade do “filme” automaticamente de acordo com a iluminação do ambiente. [...] Já é tradicional fazer a analogia do olho com uma câmera fotográfica. De fato, ambos possuem características comuns que capacitam a registrar imagens para a utilização posterior. Mas entre a engenharia da natureza e a do homem, a primeira leva uma grande vantagem. O olho é uma câmera superautomática, que se direciona “sozinha” ao objeto de interesse e transmite ao cérebro instantaneamente uma representação codificada da imagem”.

No captar da imagem, a mesma passa por um processo de armazenamento, onde o cérebro busca codificar a imagem, através dos sentimentos envolvidos com ela, procurando uma integração entre cores, lugares,

paisagens; montando assim um arquivo único, individual, pelo qual é possível acessar, quando lembranças semelhantes estão envolvidas, aguçando a percepção visual, e aumentando as memórias visuais deste indivíduo.

Ao fazer a associação da imagem a um lugar, o ribeirinho está produzindo ligações perceptivas entre sentimentos, lembranças, situações e momentos vividos, estando a sua percepção diretamente ligada as imagens. Os mapas mentais dos ribeirinhos crixaenses trazem consigo várias lembranças que estão ligadas as imagens guardadas na memória ou mesmo palavras, que desenham muitas vezes um panorama poético representando o rio antes e o rio de agora, para este povo.

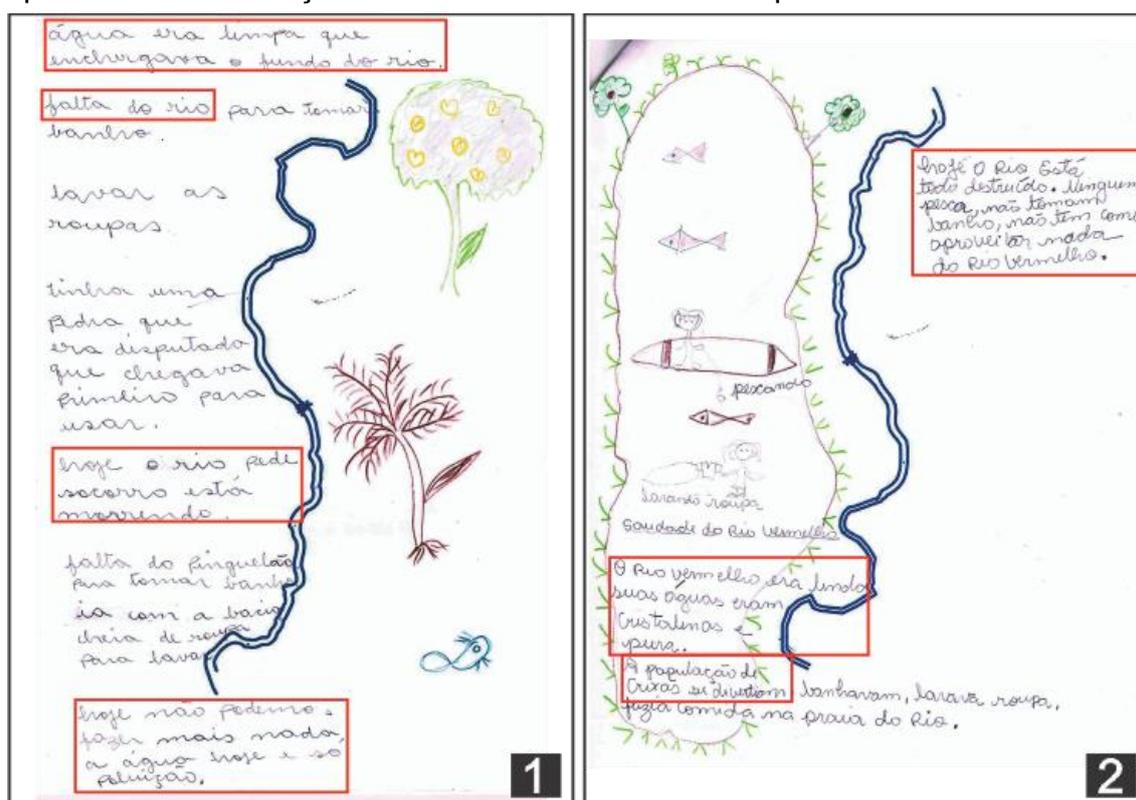
Ainda neste panorama poético, Gratão (2005), demonstra que o rio é um lugar de sentimentos, emoções, que são apreendidas através do olhar, das vivências múltiplas neste local. Ela assim expressa sua percepção do rio Araguaia como lugar. Assim expõe a autora:

“O Rio” – Lugar... com sentido do lugar... do espírito do lugar... É “O Rio” apreendido pelo olhar, pelo sentido, sensações, no que é “visível” no “não visível”; no deslocamento... no movimento... na cor ... no cheiro... nos sons & tons... “O Rio” evocando sentimentos, emoções, lembranças, evocando o espírito do lugar... – “inscape”. Os personagens atribuem significados particulares ao “Rio”, expressando suas referências e suas condutas, seguindo suas experiências e, assim, vão definindo e orientando as suas atitudes com ele. “O Rio”, se revela na voz do músico, do índio, do poeta, do missionário... cada personagem... revelando os elos afetivos com esse lugar... [...], do amor pela natureza de Tuan [...], (à) luz da imaginação poética de Bachelard, “O Rio” – ARAGUAIA! é mesmo um canal de múltiplas (con)fluências... e lugar... de encontros... & conversas... de amor, poesia & sonhos! (GRATÃO, 2005, p. 17-18).

Inicia-se a análise pelo mapa 1, no topo da página se encontra a frase de comprovação de um fato visto no passado “água era limpa que enchergava o fundo do rio”, o ato de enxergar, visualizar, demonstra a formação de uma paisagem estética que antes, no passado, era um rio limpo, saudável, irradiando pureza, não poluído, o fato constatado visualmente apresenta ligação com o tempo. Logo a seguir o narrador 1 relata que sente não poder utilizar o rio “falta do rio”, ficando claro, que o mesmo faz uma associação entre a imagem do rio e o sentimento atual de perda deste panorama visual existente em sua memória, a seguir, ele descreve o momento atual no qual o rio está inserido, “hoje o rio pede socorro está morrendo” terminando seu mapa com uma frase fatalista “hoje não podemos fazer mais nada, a água hoje e só poluição”. A palavra hoje se repete

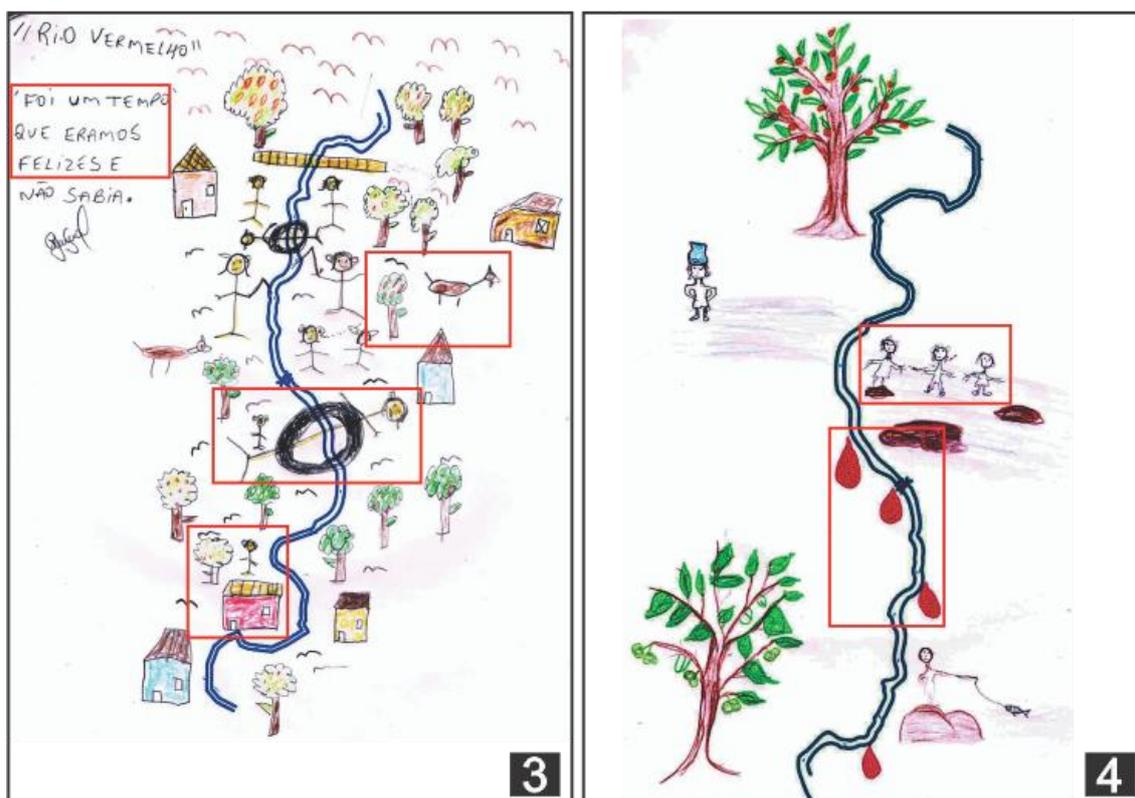
duas vezes no mapa, deixando claro que a paisagem natural visualizada no passado não está mais presente no hoje do rio, dando assim um significado ao sentimento expresso através do seu sentido de visão.

O mapa 2 também traz em si também a palavra hoje, construindo assim um panorama no sentido visual, traçado numa trajetória temporal, “hoje o rio está destruído. Ninguém pesca, não tomam banho, não tem como aproveitar nada do Rio vermelho.”, a relação de troca entre a população ribeirinha e o rio foi rompida, a imagem do passado captada através do sentido visual, foi alterada, assim como a condição do rio, criando um distanciamento, pois rio deixa de ser utilizado. A afirmação visual vivenciada do passado límpido e apto a utilização do Rio Vermelho está presente neste mapa 2 “O rio vermelho era lindo suas águas eram cristalinas e pura.”, o narrador 2 constata que o povo sofre uma perda, as palavras se encontram no tempo passado “A população de Crixás se **divertiam ...**”, o passado e o presente se entrelaçam nas memórias visuais deste povo.



O rio vermelho não deixou de ser um rio, contudo com o acidente o rio mudou suas características visuais para aqueles que o conheceram antes. No mapa 3 “foi um tempo que eramos felizes ...”, a formação para este narrador de imagens ligadas a este tempo se faz através da interação do rio com a cidade de

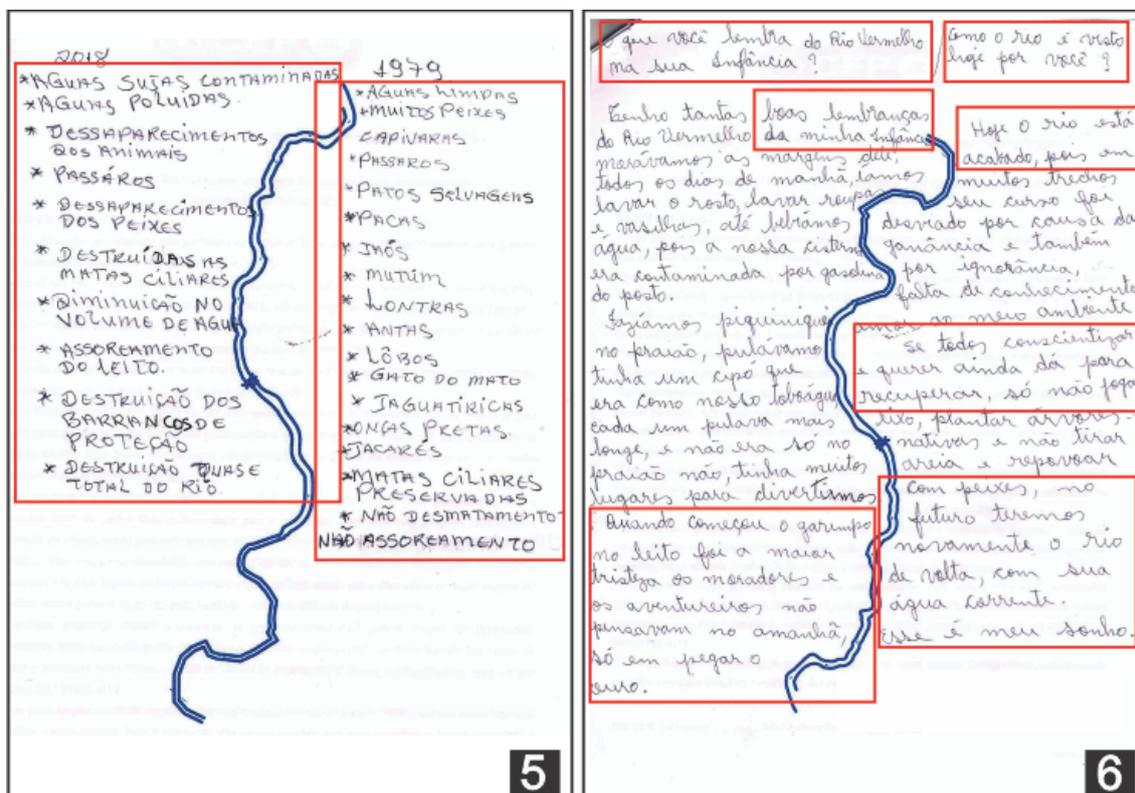
Crixás, apresentando casas, animais, pessoas pescando e tomando banho de boia, todos ao redor do leito do rio, junto ao rio, as bordas da página se apresentam limpas, sem imagens, enquanto no contexto ligado ao rio apresenta-se a vida da cidade.



O mapa 4 demonstra uma paisagem visual com forte impregnação emocional, enquanto ao redor do rio as pessoas estão desfrutando da natureza, com crianças brincando, uma pessoa pescando, o rio vermelho chora lágrimas vermelhas, sangue? Talvez. A água reflete uma realidade de dor, sofrimento, retratada visualmente, dando ao rio uma característica física do sentido da visão, a capacidade de chorar. Mas está água que reflete dor, também alcança o passado, mexendo com a memória, através da lembrança de tempos de brincadeiras, diversão, ampliando assim a saudade destes ribeirinhos. Os reflexos de alegria e dor da perda estão espelhados nestes mapas, através de imagens e palavras.

Em especial, podem-se descobrir as duas águas, a da alegria e a da dor. Mas não existe apenas uma lembrança. Nunca a água pesada se torna uma água leve, nunca uma água escura se faz clara. É sempre o inverso. O conto da água é o conto humano da água que morre. O devaneio começa por vezes diante da água límpida, toda em reflexos imensos, fazendo ouvir uma música cristalina. Ele acaba no âmago de uma água triste e sombria, no âmago de uma água que transmite estranhos e fúnebres murmúrios. O devaneio à beira da água, reencontrando seus mortos, morre também ele, como um universo submerso (Bachelard, 1989, p.49).

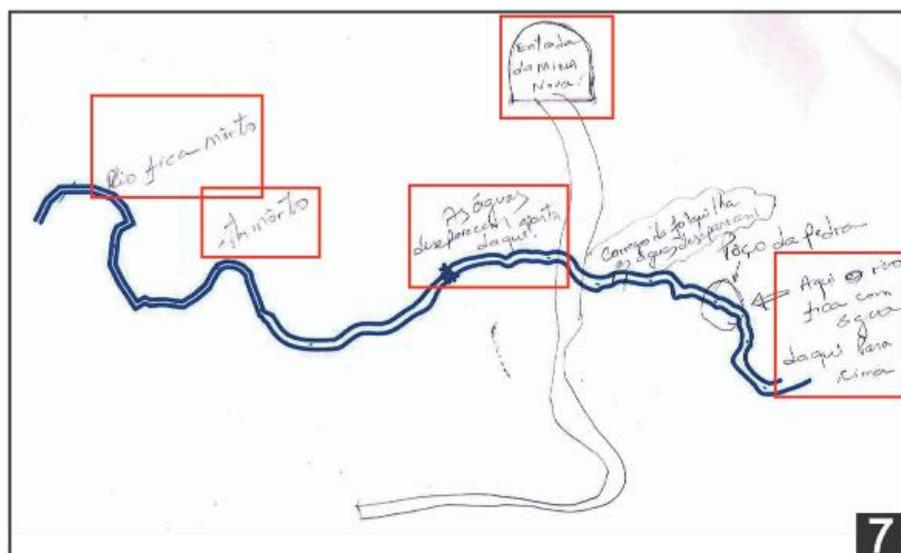
Kozel (2007, p. 117), deixa claro que “o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências”. Assim ocorre nos mapas 5 e 6, estes narradores montam um mapa panorâmico visual de tudo que o rio apresentava no passado e apresenta no presente, descrevendo-o com riquezas de detalhes, focando em tudo o que foi visto pelos narradores, no 5 encontra-se um paralelo entre os anos de 1979 e 2018, o ano de 1979 o narrador visualizou no rio: “águas limpas; muitos peixes; capivaras; pássaros; patos selvagens; pacas; jaós; mutúm; lontras; antas; lóbos; gato do mato; jaguatiricas; onças pretas; jacarés; matas ciliares preservadas; não desmatamento; não assoreamento.”, neste relato o narrador descreve uma fauna rica, diversos animais sendo apresentados como povoadores da região do rio vermelho, já o ano de 2018, a descrição panorâmica muda, conta uma história da supressão das riquezas naturais antes visualizadas, agora a palavra desaparecimento aparece duas vezes, a não visualização do que antes era o rio, a frase final deste mapa conta a história de destruição “águas sujas contaminadas; águas poluídas; desaparecimentos dos animais; passáros; desaparecimentos dos peixes;



destruídas as matas ciliares; diminuição no volume de água; assoreamento do leito; destruição dos barrancos de proteção; destruição quase total do rio.”.

O narrador do mapa 6, inicia a partir das duas perguntas feitas pela pesquisadora, a primeira: O que você lembra do Rio Vermelho da sua infância? Foi destacado o trecho “Tenho tantas boas lembranças do Rio vermelho da minha infância...”, no decorrer ele monta, através de sua visão do passado, seu cenário pessoal de imagens e vivências junto ao rio e sua própria família, no último parágrafo traz: “Quando começou o garimpo no leito foi a maior tristeza os moradores e os aventureiros não pensavam no amanhã, só em pegar o ouro.”, e possível perceber que ele reconhece onde iniciou o problema de contaminação deste rio, mais especificamente, com o garimpo, distinguindo também a causa, o ouro. A segunda pergunta, também é respondida neste mapa: Como o rio é visto hoje por você? Na própria pergunta, a pesquisadora traz a ligação do momento atual, com o sentido da visão para este ribeirão, segundo suas palavras: “Hoje o rio está acabado...” A palavra utilizada: acabado, está permeada de uma carga fatalista, contudo na sequência do relato, se apresenta um panorama de recuperação para a situação atual do rio “Se todos conscientizar e quere ainda dá para recuperar... com peixes, no futuro teremos novamente o rio de volta, com sua água corrente. Esse é meu sonho.” O rio ainda faz parte do contexto de vida deste povo, demonstrando sua esperança de que ele seja recuperado, que somente a união do povo crixense pode conseguir que o Rio vermelho volte a ser o rio de outrora.

O mapa 7 demonstra a capacidade de localização cartográfica do narrador, ele consegue visualizar, e demonstrar através de seus desenhos exatamente onde as águas do rio vermelho desaparecem: “As águas desaparecem a partir daqui.”, apresentando a “entrada da Mina Nova”, como um divisor, onde o lado esquerdo para o observador do mapa traz: “rio fica môrto”, “esta môrto”;



enquanto o lado direito “aqui o rio fica com água daqui para cima”, demonstrando visualmente a intervenção das minas subterrâneas no curso das águas do Rio.

3.1.2 - Paladar

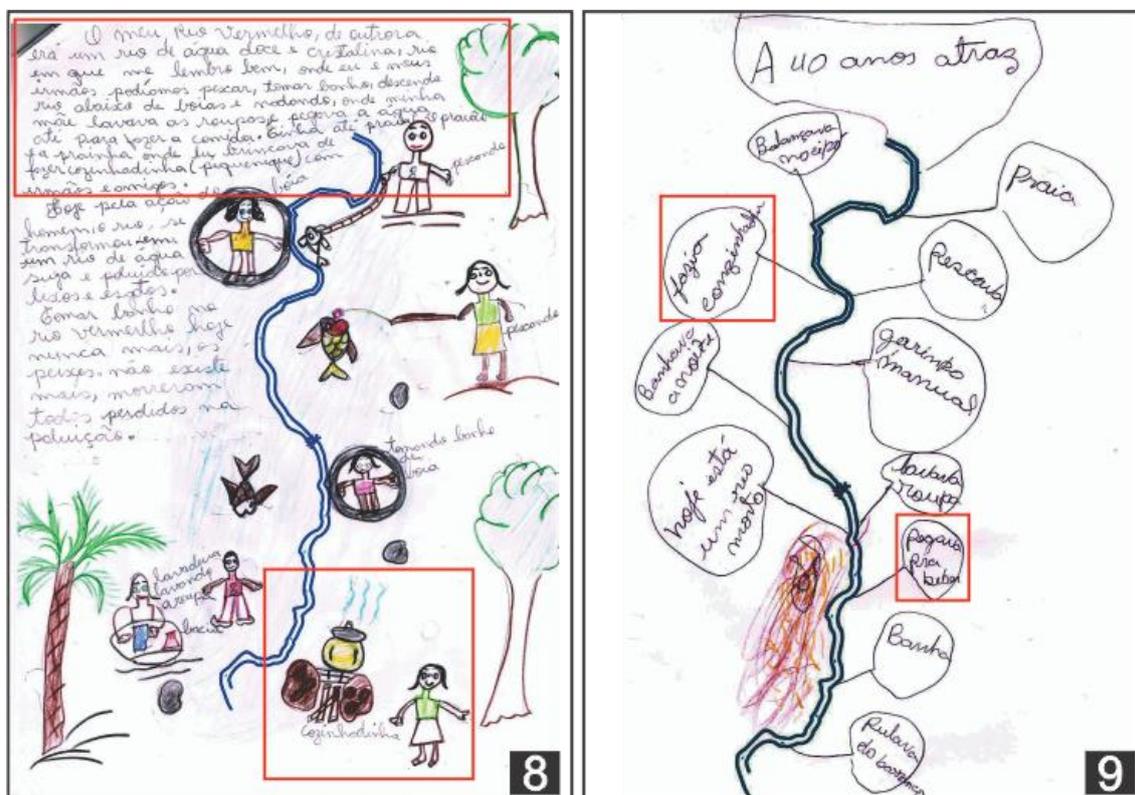
Segundo Lent (2002), o paladar se relaciona a aptidão de distinguir os diferentes sabores de substâncias colocadas em contato com a língua. O paladar, também conhecido como modalidade sensorial da gustação, ocorre quando a percepção de moléculas que são dissolvidas na saliva, ingressam em contato com o sistema gustatório, a diferenciação destas moléculas e conhecida comumente como “sentindo diferentes sabores – salgado, doce, amargo ou azedo”.

É comum para as pessoas a associação de determinados sabores, a lugares e épocas distintas, para Diez Garcia (2005, p.278), o ato de se alimentar se associa com:

Os procedimentos relacionados à alimentação de grupos humanos (o que se come, quanto, como, quando, onde e com quem se come; a seleção de alimentos e os aspectos referentes ao preparo da comida) associados a atributos socioculturais, ou seja, aos aspectos subjetivos coletivos e individuais associados ao comer e à comida (alimentos e preparações e aquilo que pensamos que comemos ou que gostaríamos de ter comido).

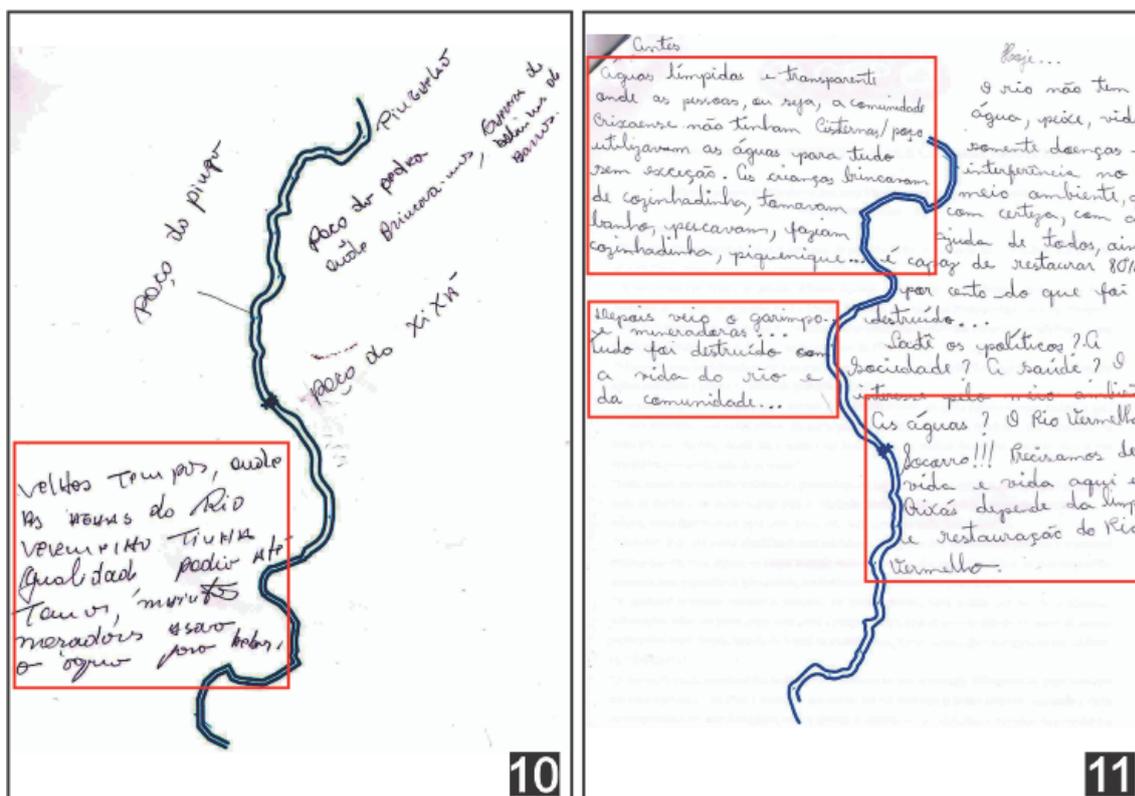
A experiência adquirida pelo paladar é capaz de aflorar memórias gustativas, como afirma Mintz (2001, p.32), “Os hábitos alimentares podem mudar inteiramente quando crescemos, mas a memória e o peso do primeiro aprendizado alimentar e algumas das formas sociais aprendidas através dele permanecem, talvez para sempre, em nossa consciência (...)”.

Nos mapas 8, 9 e 11 os narradores descrevem costumes alimentares praticados as margens, os mesmos, demonstrando que os ribeirinhos dividiam e compartilhavam comportamentos comuns, narrador 8 “O meu Rio Vermelho, de outrora era um rio de água doce e cristalina, rio em que me lembro bem, onde eu e meus irmãos podíamos pescar, tomar banho, descendo rio abaixo de boias e nadando, onde minha mãe lavava as roupas e pegava a água até para fazer a comida. Tinha até praia, o praião e a prainha onde eu brincava de fazer **cozinhadinha (piquenique)** com irmãos e amigos.”. No lado inferior direito do mapa o narrador demonstra esta prática através de um desenho, que foi destacado pela pesquisadora. O narrador 9 também traz a afirmação “fazia **conzinhadin**”, se repetindo na descrição do narrador 11 “Águas límpidas e transparente onde as pessoas, ou seja, a comunidade crixense não tinham cisternas/poço utilizavam as



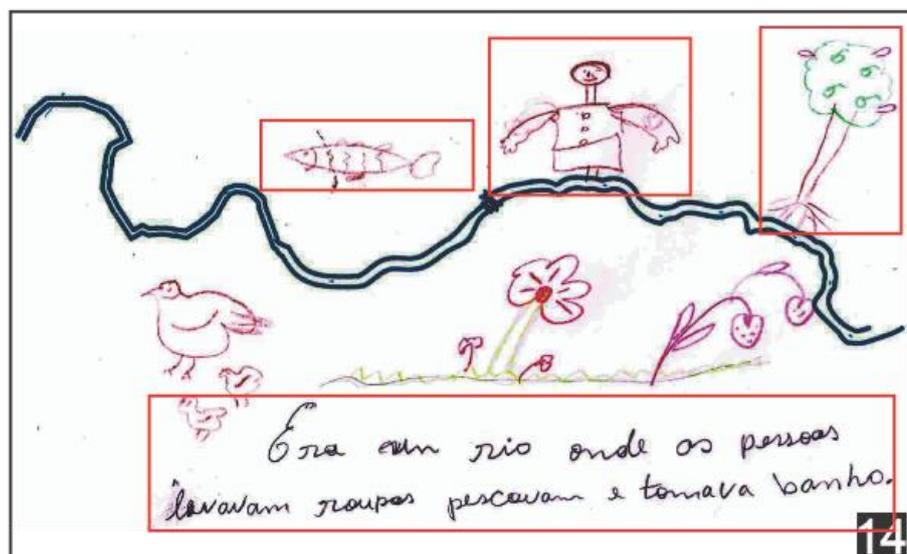
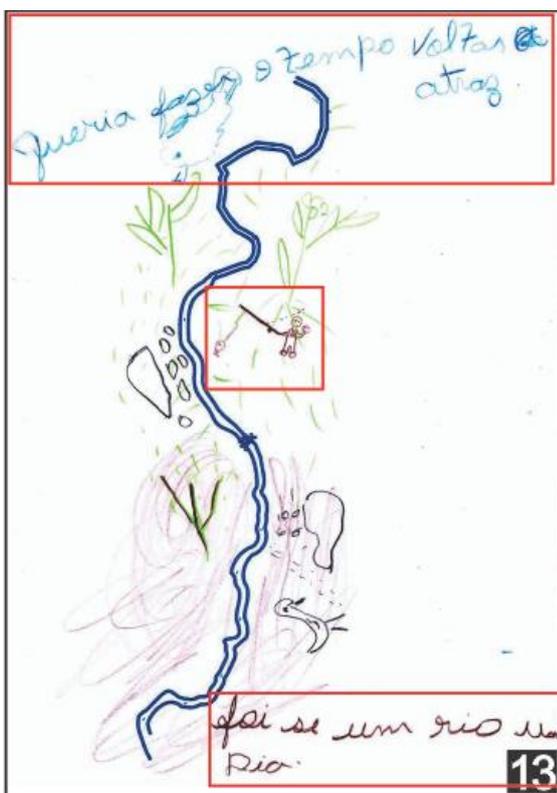
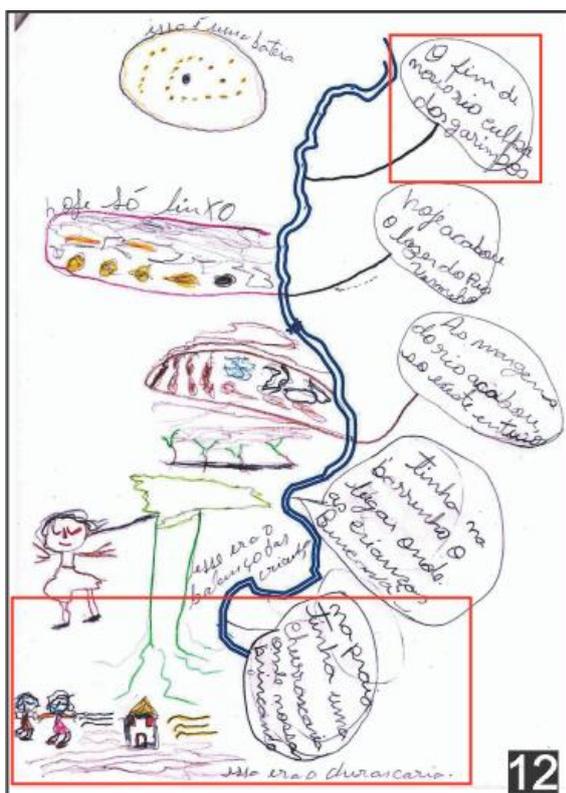
águas para tudo sem exceção. As crianças brincavam de **cozinhadinha**, tomavam banho, pescavam, faziam **cozinhadinha**, piquenique...”.

O uso de tomar água de um rio também envolve o paladar, demonstrando um passado comum de utilização da água do rio para saciar a sede da população, narrador 9 “pegava pra beber”, o narrador 10 “velhos tempos, onde as águas do Rio Vermelho tinha qualidade, podia até tomar, muitos moradores usava o água para beber.”. Como uma família é capaz de partilhar através das memórias gustativas bons e maus momentos, o narrador 11 deixa claro em seu relato a origem do problema de contaminação do rio, e o que ele sonha para o futuro “Depois veio o garimpo, e mineradoras... Tudo foi destruído com a vida do rio e da comunidade...”; “O Rio Vermelho Socorro!!! Precisamos de vida e vida aqui em Crixás depende da limpeza e restauração do Rio Vermelho.”.



O narrador 12 descreve uma churrascaria, local onde o sentido do paladar e do olfato e altamente utilizado, “na praia tinha uma churrascaria onde nossas brincando” o desenho da churrascaria acompanha o relato. Este ambiente (churrascaria) representa um local onde os crixasenses partilhavam momentos em família, ficando arquivados tanto na memória gustativa, quanto na memória olfativa. Os narradores 13 e 14 partilham a lembrança das pescarias realizadas no rio, este

peixe pescado neste rio, compõe o quadro da saudade do sabor do peixe, manifesta por este povo. Nos três mapas 12, 13 e 14 fica claro algumas verdades presentes nos relatos, o narrador 12: “O fim do nosso rio culpa dos garimpos”, narrador 13: “queria fazer o tempo voltar atrás.”; “foi se um rio um dia.”; o narrador 14 tenta resumir tudo em uma frase: “Era um rio onde as pessoas lavavam roupas pescavam e tomava banho.” O rio fazia parte do cotidiano dos ribeirinhos, misturando lembranças afetivas, gustativas, olfativas, demonstrando a extensão do conviver deste rio nesta sociedade.

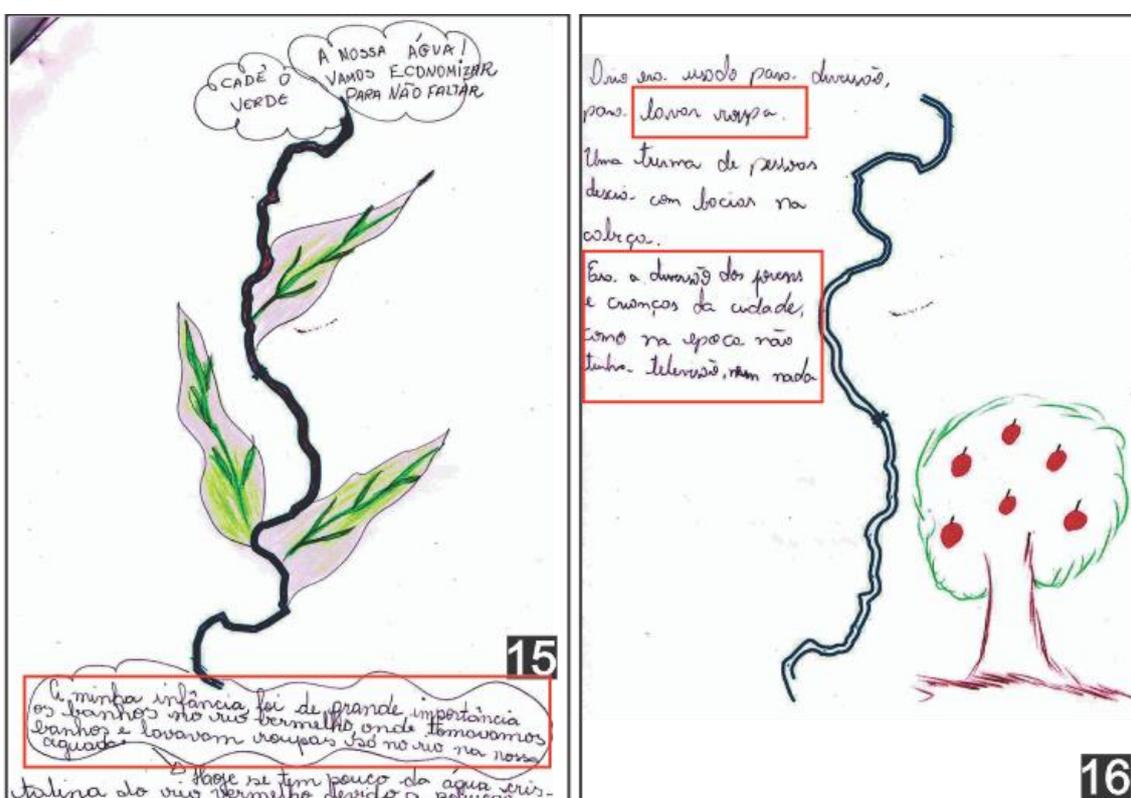


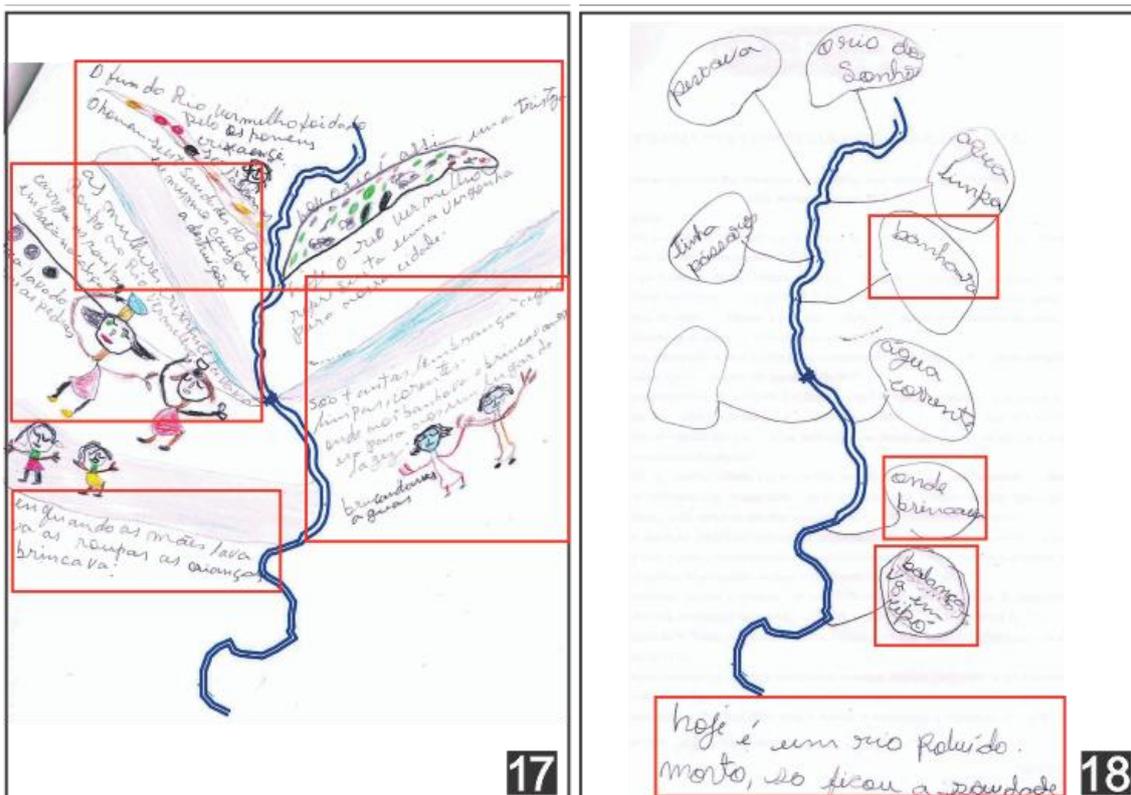
3.1.3 - Tato

Tato é o sentido por meio do qual percebe-se um objeto através do contato físico, mais comumente pelo contato manual, sendo também capaz de perceber temperatura, determinar forma. Tal capacidade é possível graças as terminações nervosas existentes na pele.

Dos cinco sentidos humanos existentes, o tato é o mais pessoal. As experiências vivenciadas a partir do corpo se revelam como as primeiras relações desenvolvidas do homem com o espaço que o cerca. “O tato é a experiência direta da resistência, a experiência direta do mundo como um sistema de resistência e de pressões que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação”. (TUAN, 1980, p. 09).

As vivências manifestadas através do tato, são capazes de despertar a memória corporal de acontecimentos e fatos vividos junto ao Rio Vermelho, onde o sentido do tato se fez presente no relacionar dos ribeirinhos com a água. Nos mapas 15, 17 e 18, encontra-se relatos de banhos e brincadeiras, demonstrando o contato físico destas pessoas com o rio, narrador 15: “A minha infância foi de





grande importância os banhos no rio vermelho, onde tomávamos banhos e lavavam roupas só no rio na nossa aguada.”; narrador 17: “enquanto as mães lavava as roupas as crianças brincava.”; “São tantas lembranças água limpas, correntes, onde nos banhava e brincávamos era para nos um lugar de lazez... brincadores águas”. Narrador 18 “banhava, onde brincava, balançava em cipó”. Além do contato lúdico, ainda havia o contato através do trabalho, pois as mulheres lavavam as roupas no rio, os mapas 16, 17 e 19 demonstram tal prática, narrador 16: “lavar roupa”; narrador 17: “as mulheres crixoence lavava roupa no Rio Vermelho, carrega as roupas em bacia na cabeça... era lavado as pedras...”; narrador 19: “Lavar roupas...”.

O contato tátil com o rio está vivo na memória dos ribeirinhos, sendo desejado este mesmo contato para os filhos e netos, isto pode ser comprovado através do narrador 20: “ojigi não tem nada que nós possa levar nossos filho e netos para tomar em banhos...”. O mapa 21 traz a imagem de pessoas envoltas em uma bolha de água, e a frase: “Banhando no rio Vermelho”, passa a impressão que proteção, de aconchego, como se os banhos no rio despertassem uma memória corporal de acolhimento.

Lançar roupas havia as pedra onde agente batia as roupas colocava as 3 bolzilha em bacia grade e de ariar nas aguas pura cristalina

Os lugares onde agente subia nos barranco e pula na aguas onde pudiamos ter acesso era esse tipo de lugar

Resto a saudade do morso rio Vermelho onde pudiamos ter acesso a natureza com certeza de que tudo era muito em toda relação rio natureza, pesso

Tempo que não volta

Handwritten notes on a hand-drawn map of a river. The map shows a winding river with several points of interest marked. One point is labeled '(bacia)'. Another point is labeled 'Horte'. A small plant sketch is drawn near the bottom right of the river. The text is written in Portuguese and includes phrases like 'Lançar roupas havia as pedra onde agente batia as roupas', 'colocava as 3 bolzilha em bacia grade', 'e de ariar nas aguas pura cristalina', 'Os lugares onde agente subia nos barranco e pula na aguas onde pudiamos ter acesso era esse tipo de lugar', 'Resto a saudade do morso rio Vermelho onde pudiamos ter acesso a natureza com certeza de que tudo era muito em toda relação rio natureza, pesso', and 'Tempo que não volta'. There is a small box around the text 'Lançar roupas havia as pedra onde agente batia as roupas' and another box around the text 'Os lugares onde agente subia nos barranco e pula na aguas onde pudiamos ter acesso era esse tipo de lugar'. The number '19' is written in a small box at the bottom right.

Amo mais tinha um pie am amo tinha ante oje amo não

temo temo giquen de lazer de passar em dia de festas

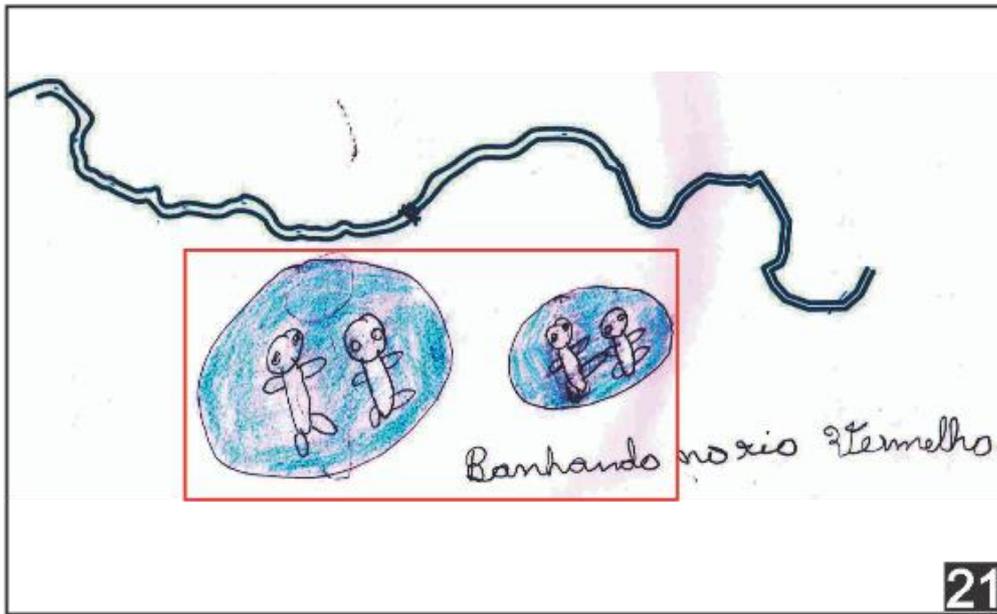
O que amo fazia que amo mais gostava de fazer

amo não tem amdo que amo passar levar nosse filha e mentes para

amo tomar um beullho a que amoé poro passar de nosse

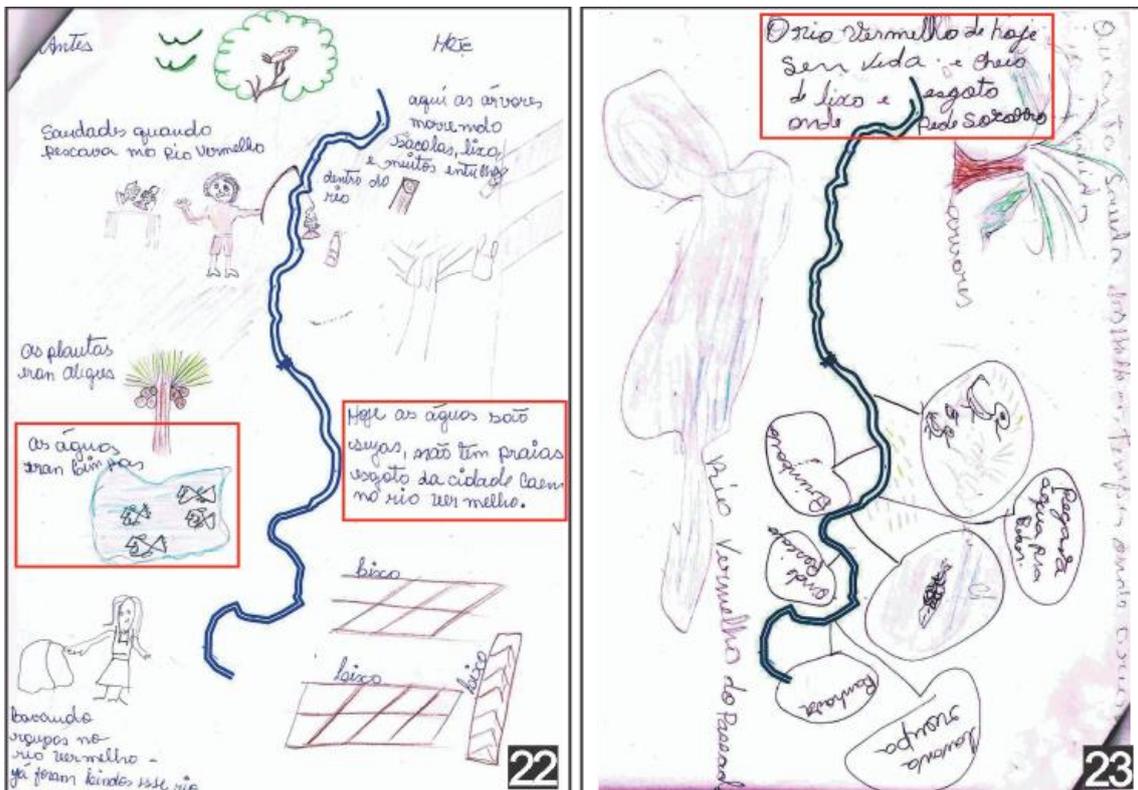
amo saudade do amo 15 amo do amo Am que gostaria de voltar

Handwritten notes on a hand-drawn map of a river. The map shows a winding river with several points of interest marked. The text is written in Portuguese and includes phrases like 'Amo mais tinha um pie am amo tinha ante oje amo não', 'temo temo giquen de lazer de passar em dia de festas', 'O que amo fazia que amo mais gostava de fazer', 'amo não tem amdo que amo passar levar nosse filha e mentes para', 'amo tomar um beullho a que amoé poro passar de nosse', and 'amo saudade do amo 15 amo do amo Am que gostaria de voltar'. The number '20' is written in a small box at the bottom right.



3.1.4 - Olfato

Este é o sentido que capacita o indivíduo a reconhecer odores mediante estímulos olfativos, o ato de perceber cheiros ou odores, é individual, sendo sua classificação para o ser humano em agradável ou desagradável de caráter individual e único, pois o que pode ser um cheiro bom para uma pessoa pode ser



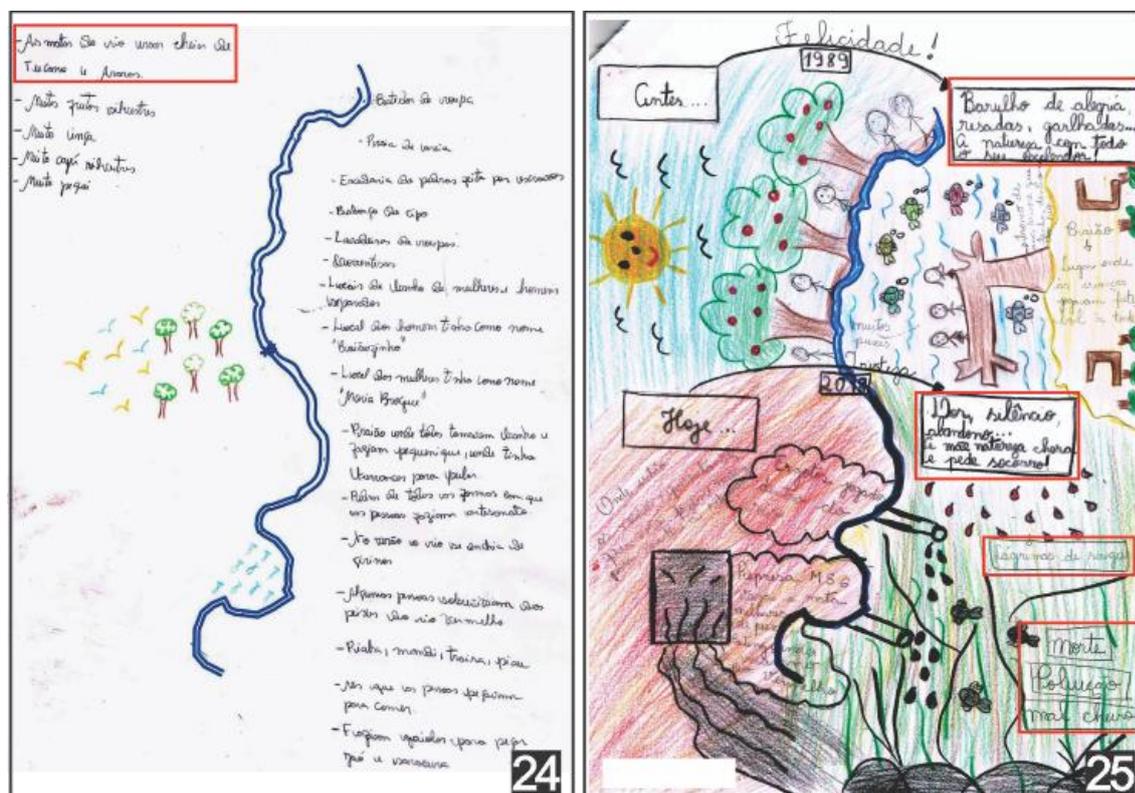
repulsivo para outra. Alguns locais são dotados de aromas artificiais, outros de aromas naturais.

O sistema olfativo é capaz de fazer associação entre os aromas e o sistema perceptivo, este processo faz com que determinado cheiro seja capaz de lembrar um local ou mesmo uma situação vivenciada. Pode-se dizer que cheiros, odores, apresentam o poder de evocar lembranças, fatos, eventos, cenas.

Os mapas 22 e 23, descrevem o cheiro do rio hoje, narrador 22: “as águas eram limpas”; “Hoje as águas são sujas, não tem praias esgoto da cidade caem no rio vermelho.”. Este narrador relata o estado anterior de limpeza do rio, e o posterior ao acidente, com o relato de esgoto da cidade sendo despejado no rio, o narrador 23 também relata o esgoto “O rio vermelho de hoje sem vida e cheio de lixo e esgoto onde pede socorro”.

3.1.5 - Audição

A audição está relacionada a capacidade de perceber sons. Vivemos em um mundo que continuamente mescla diferentes sons aos diferentes ambientes que frequentamos. A paisagem sonora de um determinado lugar se qualifica pelos sons que naquele ambiente se encontram sendo produzidos. Em meio a uma



infinidade de sons diferentes o homem é capaz de criar um cenário sonoro, que compõe determinado lugar.

Para se aperceber do ambiente, é necessário que o ribeirinho seja capaz de senti-lo, relacionando o mesmo ao seu mundo, fazendo dele, uma parte de si, neste contexto a percepção se faz presente, formando uma ligação ao imaginário da pessoa, carregado de significado, quando determinado tipo de som se produz.

Os sons da natureza são produzidos por diferentes agentes, entre eles estão o som do canto de pássaros, narrador 24: “As matas do rio eram cheias de tucano e araras.”. O narrador 25 deixa muito claro a diferença entre os sons do antes e do depois do rio: “Barulho de alegria, risadas, gargalhadas... A natureza com todo o seu esplendor!”; “Dor, silêncio, abandono... A mãe natureza chora e pede socorro!”. Para o narrador 25 após o acidente o rio fica em silêncio, a natureza silencia-se para o acidente, expressando a dor através de “lágrimas de sangue; morte; poluição; mal cheiro”.

Considerações Finais

Os rios transportam em suas águas, diversas histórias de experiência das pessoas que com ele convivem. Os ribeirinhos reconhecem os rios como seu lugar, sua casa, percebendo as paisagens como representações daquilo que para eles simbolizam sua história, escrita através de suas margens, das águas, que correm nestes rios.

A percepção, aqui utilizada como aporte teórico, foi observada nos diversos mapas mentais analisados, estando evidente através das palavras e das imagens, como os ribeirinhos da cidade de Crixás, percebem o antes e o agora do Rio Vermelho, ficando perceptível a vivência direta e íntima que este povo vivenciou com o rio. Através dos mapas mentais foi possível visualizar, interpretar e compreender, com muita sensibilidade, o percurso de vida do Rio Vermelho, através dos olhos dos ribeirinhos, seja através de palavras e frases ou até mesmo dos desenhos de suas diversas paisagens no decorrer dos anos.

A pesquisa fenomenológica partiu do entendimento do viver e não de definições ou conceitos, voltando-se para os significados do perceber o rio, como ele se mostra para o que deles utilizam. Nos mapas a fenomenologia aliada a percepção ambiental, reconhece este rio como lugar deste povo, enquadrando as diversas experiências aqui relatadas como fenômenos em sua essência, baseadas nas experiências conscientes, em termos de significados. As imagens e palavras apresentaram-se de forma poética, com isto os símbolos gráficos representam a percepção da realidade vivida deste povo em consonância com o rio.

Nos mapas mentais pode-se encontrar palavras como: O rio dos sonhos; água limpa; água corrente; velhos tempos; bebíamos, brincávamos. É possível montar um quadro saudosista, onde o ribeirinho percebe a sua perda, como a de um ente querido, falando de “velhos tempos”, o rio passa a povoar a memória desta comunidade como sonho “rio dos sonhos”; “boas lembranças”, “Só ficou saudade”. É possível perceber claramente as conexões entre as lembranças destes ribeirinhos “cipó que eles balançavam”; “pulávamos tinha um cipó que era como nosso toboágua, cada um pulava mais longe”.

As pessoas podem utilizar diferentes maneiras de representar o lugar onde vivem, ativando suas memórias de formas diversas, podendo unir imagens, com palavras, buscando transmitir desta forma, todo o valor que aquele ambiente representado possui de significância. Neste trabalho foram utilizados os mapas mentais para captar por meio desta linguagem diferenciada, as vivências que os ribeirinhos possuem do antes e do depois da contaminação do Rio Vermelho, expressada através dos cinco sentidos, demonstrando sua íntima ligação com o lugar. Para Kozel “o mapa mental é um enunciado que advém de relações dialógicas estabelecidas entre interlocutores no contexto sócio espacial”. Para ela a utilização dos mesmos se fundamenta, “Por meio da linguagem, O sujeito se expressa, expõe seu mundo vivido. E, sem dúvida, os mapas mentais são de suma importância no campo das representações e a construção de significados espaciais” (2009, p.127).

Os mapas mentais adquirem aqui uma visão romântica, poética, até mesmo saudosista, qualificando o espaço em lugar (TUAN, 1983), neste trecho do poema de João Marega (2015), que se encontra no livro de Lima (2015, p. 168), percebe-se isto claramente

“Oh que saudades eu tenho do Crixás dos tempos de outrora, da praça da velha Matriz onde as crianças brincavam de bola, de banhar no Rio Vermelho pude ter essa felicidade, quando suas águas eram limpas lembro-me e tenho saudades.”

Através do estudo dos mapas mentais, percebe-se frases saudosistas: “Rio Vermelho – Foi um tempo que éramos felizes e não sabia”, segundo está frase, o povo percebe que perdeu um bem precioso para toda a comunidade, e sente falta, o sentimento de perda está evidenciado, nos dizeres e até mesmo nos desenhos.

Encontra-se também um sentimento de pertencimento ao lugar, que Tuan tanto discute, “O meu Rio Vermelho”, os ribeirinhos demonstram este sentimento, está impregnado nos desenhos e nos dizeres, a pesquisadora presenciou tal sentimento em algumas ocasiões, quando os ribeirinhos devolviam os mapas, alguns apresentavam os olhos marejados, dizendo o que se encontra em um mapa; “Tomar banho no rio Vermelho hoje nunca mais [...]”, neste mesmo mapa vemos pessoas pescando, brincando de descer o rio de boa, fazendo “cozinhadinha” na beira do rio, lavando as roupas no rio, comprovando uma

convivência impar com o rio, confirmando que ele fazia parte do cotidiano dos crixenses.

O mapa 25, evidencia de forma clara o antes e o depois do Rio Vermelho, corroborando através de imagens, palavras e até mesmo na mudança de cores, deixando o azul celeste e o verde natureza, lembrar o rio de outrora, e o agora é ilustrado no vermelho sangue e o preto poluição.

Pode-se concluir utilizando-se de Bachelard (1989, p.63) quando afirmar: “Para um psiquismo tão acentuado, tudo o que, na natureza, corre pesadamente, dolorosamente, misteriosamente seja como um sangue maldito, como um sangue que transporta a morte. Quando um líquido se valoriza, aparenta-se a um líquido orgânico. Há, portanto, uma poética do sangue. É uma poética do drama e da dor, pois o sangue nunca é feliz.”

A imagem nos mapas mentais, foi percebida como uma descrição do pensamento destas pessoas, fazendo possível o chamado interior, pautado em construções perceptivas através das memórias afetivas que, nestas introspecções, determinam e conferem significados. Sendo sugestionado pela cultura, pela vivência e os ambientes da natureza que os cercaram.

A situação atual do rio é percebida pelos ribeirinhos “hoje o rio pede socorro está morrendo”, demonstrando que este povo não se furta da responsabilidade junto a este curso d’água “o fim do Rio vermelho foi dado pelo os homens crixenses, só lágrimas”, estabelecendo-se junto a este povo uma dualidade onde eles mesmo se perdem, o amor ao rio e a necessidade de salvar o que ele está destruindo, “O homem sente saudades do que ele mesmo causou a destruição”.

“Saudade do Rio Vermelho”, está frase está em um mapa denotando a importância desta declaração no decorrer do estudo dos mapas, em alguns ela fica subentendida, em outros ela está claramente decretada, o rio fica descrito em sua dimensão topofilica, enquanto participante ativo da vida, das memórias, da saudade desta gente.

O Rio vermelho permanece cortando a cidade de Crixás, declarando a todos que ele ainda está presente na vida daquelas pessoas, ele pode estar sujo e poluído, mas ainda é amado pelos crixenses.

O objetivo principal deste trabalho foi alcançado, sendo analisado a percepção ambiental da comunidade ribeirinha da cidade de Crixás-Goiás, relacionada ao uso do Rio Vermelho nos anos de 1990 a 2017. Os mapas mentais

demonstraram as reais ligações destas pessoas com o “seu rio”, as experiências vividas, e o espaço visualizado como lugar.

Conclui-se que o Rio Vermelho, cuja história foi representada aqui através de seus ribeirinhos, precisa de proteção e cuidado, necessitando de recuperação urgente, pois o povo crixense sente falta de suas águas. Portanto o amor e o pertencimento que estas pessoas demonstraram, deve sair de suas mentes e de seus corações e se transformar em ações, que visem o restabelecimento sadio deste rio.

Referências

ANDRADE, Ricardo Rangel; LEONE JR., Delson. Ação civil pública em desfavor da empresa Serra Grande Mineração Ltda. In: ANDRADE, Ricardo Rangel de (Cord); OLIVEIRA, Larissa Pultrini P. de; FRANCO, Adriana Pereira. Coletânea do Centro de Apoio Operacional de Defesa do Meio Ambiente, Patrimônio Cultural e Urbanismo. ESMP/GO, Goiânia, 2006, 252 p. Disponível em: http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/9/docs/coletanea_cao_ambiente_2006.pdf. Acesso em: 03 jan. de 2018.

ARBUÉS, D. Rio e serra. Goiânia: Kelps, 1997. p. 153.

ASMAR, José. Crixás, do berço de ouro à luta pela vida. Goiânia: 1988.

AZEVEDO, Adalberto Mantovani Martiniano; DELGADO, Célio Cristiano. Mineração, Meio Ambiente e Mobilidade Populacional: um levantamento nos estados do Centro-Oeste expandido. Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp>. Acesso em: 25 nov. 2017.

BACHELARD, G. (1989). A água e os sonhos. São Paulo: Martins Fontes.

BACHELARD, G. (2006). A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes.

BUZAN, Tony w/ BUZAN, Barry. The Mind Map Book: how to use radiant thinking to maximize your brain's potential. New York: Dutton. 1994.

CAMARA, L. A. Mapas Mentais. In_ Percorrendo Espaços de Aprendizagem Com Mapas Mentais. 2012.

CARLOS, Ana Fani. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CHIAPETTI, R. J. N.; CHIAPETTI, J. A água e os rios: imagens e imaginário da natureza. *Geograficidade* v.01, n.01, p. 71-90, Inverno 2011.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. L. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

DARDEL, Eric. *L' homme et la terre – nature de la réalité géographique*: Editions du CTHS: Paris, 1990.

DIAS, Wagner Alceu. *No obscuro do ouro, o brilho do Cerrado: a dinâmica territorial do município de Crixás-GO*. 2010. 134 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

DIEZ GARCIA, Rosa Wanda. A antropologia aplicada às diferentes áreas da nutrição. In: CANESQUI, Ana Maria; DIEZ GARCIA, Rosa Wanda (Orgs.). *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p. 275-286.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*. Rio de Janeiro: ano IV, n.7, p.67-78, jul/des. 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERNANDES, Francisco Rego Chaves; LIMA, Maria Helena Machado Rocha; TEIXEIRA, Nilo da Silva. *A grande mina e a comunidade: estudo de caso da Grande Mina de Ouro de Crixás, em Goiás*. Série Estudos e Documentos. Rio de Janeiro, CETEM/MCT, 2007. Disponível em: <http://www.cetem.gov.br/publicacao/CTs/CT2007-01600.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2018.

FRANÇA FILHO, JL. Acerca da fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty. In: LIMA, ABM., org. Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, pp. 77-102. ISBN 978-85-7455-444-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso: 01 nov. 2017.

GALVÃO, Wilson e KOZEL, Salette. Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas. *Ateliê Geográfico*, Goiânia-Go, V.2, n.5, p.33-48, dez/2008.

GANDARA, Gercinair Silvério. *Natureza e cidades: o viver entre águas doces e salgadas*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

GANDARA, Gercinair Silvério. *Rios e cidades – olhares de história e meio ambiente*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

GANDARA, Gercinair Silvério e BRASIL, Vanessa Maria. *Cidades, rios e patrimônio: memórias e identidades beiradeiras*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

GANDARA, G. S. Paravaçu! Rio Grande dos Tapuias! Velho Monge... rio lendário. Disponível em: <www.fchf.ufg.br/historia/ArtigoPARAVACURev-Edson-UFG.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2018.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. A Poética d' " O Rio" – Araguaia! De Cheias. e vazantes (à) luz da imaginação. 2003, 354f. Tese (doutorado em geografia) – Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (À) Luz da imaginação! "O Rio" se revela na voz dos personagens do lugar-ARAGUAIA! In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente HOMENAGEANDO LÍVIA DE OLIVEIRA [Londrina 2005].

GORSKI, Maria Cecília Barbieri. *Rios e cidades: rupturas e reconciliação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

HURGUES, J. Donald. II Workshop Internacional de História do Ambiente: desastres ambientais e sustentabilidade & Gisday, 2011, Florianópolis/Brasil.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KOZEL, Salete. Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas in: KOZEL S. et al (org): Da percepção e cognição à representação. São Paulo. Terceira Margem, 2007. p.114-138.

KOZEL, S.; SOUZA, L.F. Parintins, que espaço é esse? Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante. In: KOZEL, S.; SILVA, J.C.; FILIZOLA, R.; FILHO, S.F.G. Expedições Amazônicas: Desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas. “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”. Curitiba: Sk, 2009.

LENT, Roberto. Cem Bilhões de Neurônios? Conceitos Fundamentais de Neurociência. 2ª Edição, Editora Atheneu, 2010.

LEONARDI, Victor. *Rio de histórias*. In: SÁ, Antonio Fernando de Araújo e BRASIL, Vanessa Maria. *Rio sem história? Leituras sobre o Rio São Francisco*. Aracajú: FAPese, 2005.

LESSA, G. No baixo São Francisco: a viagem do redescobrimto – do espaço ao lugar. 2007. 167 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2007.

LIMA, E. L., de. Do corpo ao espaço: contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty à análise geográfica. *Geographia*, 18, 65-84, 2007.

LIMA, Maria Madalena. Crixás – nossa terra, nossa gente. Goiânia: Scala Gráfica e Editora, 2015.

LIMA, ABM., org. Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, 124 p. ISBN 978-85-7455-444-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso: 01 nov. 2017.

LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Terceira Edição. Editora WMF Martins Fontes Ltda. São Paulo - SP, 1999.

MARTINS, Marcos Lobato. *História e Meio Ambiente*. São Paulo: Annablume; Fac. Pedro Leopoldo, 2007.

MELLO, T. de. Amazonas, pátria da água. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. 112 p.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo, Brasil: Martins Fontes. 1999.

MINTZ, Sidney. Comida e antropologia. Uma breve revisão. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, SP, v.16, n. 47, p. 31-41. out. 2001. Disponível em: <<http://goo.gl/yZMWzj>>. Acesso em: 25 set. 2018. ISSN 1806-9053.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Percepção e Representação Gráfica: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos Comandantes no Amazonas. Tese de doutorado. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Sebastiana Ester Dietz de. Terra dos Kirirás e poemas mais...! 2. ed. Goiânia: Arte e Laser Ltda., 2001.

OLIVEIRA, J. A. de. Ciclos de águas e vidas: o caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco. 2009. 143 f. Dissertação.

(Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2009.

PASSET, RA. *Co-gestão do desenvolvimento econômico e da biosfera*. Tradução de Ferreira, A.D. In: *Cadernos de desenvolvimento e Meio Ambiente*. IFPR, n.1, 1994.

POHL, Joahann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1975.

REBOUÇAS, A. C. Água doce no mundo e no Brasil. In: REBOUÇAS, A. C.; BRAGA, B. E.; TUNDISI, J. G. (Orgs.). *Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SOBREIRA, P. de A. Danos ambientais provenientes das barragens de rejeitos situadas no estado de Goiás. 2016. 145 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências Ambientais) – Unievangélica – Centro Universitário de Anápolis, Anápolis, GO, 2016.

SOUZA NETO, M. F. de. Três rios. Três regiões. Três poetas. GEOUSP, São Paulo, n. 1, p. 57-64, 1997.

TUAN, Y. FU. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo, Brasil: Difel. 1983.

TUAN, Y. FU *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo/ Rio de Janeiro. Difel. 1980.

SITES:

www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/9/docs/rsuacp_04.pdf. Acesso em 08 jun. 2017.

DNPM. Desempenho do Setor Mineral 2010: ano-base 2009. Disponível em: https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=4288 . Acesso em 08 fev. 2018.